

ILUSTRAÇÃO



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Acaba de sair

A 6.^a EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não póde haver livro mais sacro da terra portuguesa, escrito com mais linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **16\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Acaba de sair

A 4.^a EDIÇÃO

Terras do Demo

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LSBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa PORTUGAL-BRASIL—Rua da Alegria, 30—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.^o—Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



DISPÕE BEM AS CRIANÇAS
PARA AS REFEIÇÕES

Quando a mamã diz que há **KELLOGG'S** ao almoço, as crianças correm imediatamente para os seus lugares.

À hora das refeições, e entre elas, os flocos dourados de **KELLOGG'S** fazem brilhar de guloseima os olhos das crianças. Toda a “gente miúda” adora os **Corn Flakes** de Kellogg porque é um alimento sempre fresco, de paladar delicioso e que não enfarta.

KELLOGG'S é também um incentivo para o apetite. Serve-se com leite frio ou nata. Não é necessário cozer. À venda em todas as boas casas. Peça sempre o pacote **VERDE E VERMELHO**

Kellogg's
CORN FLAKES



AGENTES E DEPOSITARIOS EM PORTUGAL:

FIGUEIRA & ALMEIDA—Rua da Madalena, 88—Lisboa

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de **100:000** vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Grande sucesso literário

2.^a EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Grande sucesso

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.^a EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch. 10\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80

LISBOA

A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê de-prensa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por SOUSA COSTA

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cónegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu extraordinário valor está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO **Dr. A. LORAND**

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilha

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslováquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suécia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroidéa, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroidéa sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre cronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar.—III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do appetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a elle.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insonia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexua I. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intellectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

1 volume de 244 páginas Esc. 10\$00
Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro duma das mais distintas
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00

encadernado 14\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

L I S B O A



Julgar que, para a mulher, os sofrimentos periódicos são obrigatórios, é um equívoco. Dois comprimidos de Cafiaspirina renovam o bem-estar. São absolutamente inofensivos para o organismo.

Cafiaspirina



A CONTECIMENTO da quinzena, merecedor de referência, nenhum excede a volta a Portugal de bicicleta. Durou duas semanas a prova que manteve em vibração singular, raro vista, o habitante do território. O ser bisonho, calado e parado que mora em cidades, vilas e aldeias dêste recanto da Europa, safu do seu sério, também pode dizer-se, da sua indiferença habitual, e deslocou-se, gritou, aplaudiu, tomou calor por alguma coisa que admirou e lhe fez sentir entusiasmo.

Andaram os jornais a dez colunas de noticiário, relatando chegadas e partidas, ajuntamentos, comentários, disputas, em suma, manifestações de vida, que o percurso dos corredores despertou em gente de tôdas as idades.

Interessaram-se miúdos e graúdos, ávidos de pormenores referentes aos que elegera seus heróis.

Nunca nome de homem público, sábio, artista, político, guerreiro, atingiu favor igual de admiração e simpatia.

Faltam testemunhos detalhados sobre o sucedido no dia seguinte ao de Aljubarrota para comparar com o presenciado agora.

Talvez o feito de Nun'Álvares afectasse menos o coração popular que o levado a termo pelos batedores do pedal.

Camões e Vasco da Gama com certeza ficaram muito longe de atingir a intensidade e quantidade de carinho admirativo por êstes obtida.

Assiste-se ao que nunca se assistiu. Fervor tamanho jamais exaltou o espírito indolente do lusitano. E o facto incontestável, original, em vez de agradar, contrariava um certo número de almas que se contam por selectas.

Mesmo acham que o seu lustro intelectual fica empoadado com o alarido feito ao longo das estradas. A fidalguia de pensadores, de artistas, de civilizados estetas, aflige-se com o espectáculo de uma multidão em delírio perante o concurso de força física que a chamaram a presenciar. E negam-se a compreender o acontecimento por outro modo que não seja o de constituir sinal de inferioridade, ou estigma de raça em estado menor de civilização.

Pois, muito lhes custe, os gregos reagiam por igual nos bons tempos da tragédia, da filosofia, da eloquência. Os espíritos mais elevados apaixonavam-se pelos campeonatos de uma mocidade ardente que ocupava o tempo em preparar-se para disputá-los. Os próprios escritores tomavam parte neles. Eurípedes safu vencedor nos jogos olímpicos. Até

CRÓNICA DA QUINZENA

se conta que o pai recebera emoção tão forte de alegria que bastara para causar-lhe morte súbita.

Na Roma antiga acontecia outro tanto com os concursos de destreza e força. A Roma moderna, bem como a Gália actual e a Britânia, reproduzem o sentir dessas eras.

Em Inglaterra nenhum pensador, estadista ou sábio, se peja de admirar a agilidade de um vencedor de regatas, nem toma por desdouro assistir a uma pugna de bolapê.

Interessam-se pelos jogos, partilham dêles e daí não resulta ficarem menos inteligentes, ou de selectividade diminuída. Assim são os ingleses e também os franceses que, em grande número, escrevem e desporteam com fervor, a pé, de bicycle, de automóvel, das mil maneiras conhecidas.

É isso que torna singular o fastio dos nossos mentais, quando analisam de perto a satisfação popular.

A sua atitude de repudio, expressa com empenho, para que bem a conheçam os próximos, tão diferente da verificada no resto do mundo, talvez que, longe de dar-lhes lustro, os ridiculise. Depois de analisados, não se aguentam de pé como estetas sublimados. Antes aparecem como corja de pensadores, sem ideia que preste dentro da cabeça.

O que vale é serem poucos, apenas uma mancha de sensaborões que, por incapazes de qualquer movimento de fé, ou entusiasmo, não podem entender o préstimo dessas vibrações da alma, consideradas de valor máximo, essencial, porque sem elas não vivem os povos, as formações nacionais, os grandes agrupamentos de humanidade.

Justamente a falta perniciososa que se reconhece no habitante de Portugal, visto em grande massa, consiste na sua impotência para ter fé e entusiasmo. Por vezes se crê que lhe falta o órgão próprio em que tais sentimentos se geram, espécie de mutilação étnica congénita, de reacção comparável à da enuncos relativa ao amor real e efectivo.

Muito ao contrário do entendido e manifestado pelos enjoados com a Volta a Portugal, talvez que o notado de interesse fervoroso do povo deva consolar-nos.

Ao menos chega-se à conclusão feliz de que o português, como os demais do universo, também possui a célula ou glandula geradora de ondas emotivas.

Não é castrado, como se supunha, pode aquecer, produzir energia, o que lhe permite chegar a tôda a altura, se um dia aparecer o fermento capaz de pô-lo em efervescência.

Assim verificado, só convém que por qualquer motivo êle entre em vibração para se exercitar e desenvolver a actividade funcional que se temeu em via de desaparecimento completo.

Venham mais provas, repetidas, incessantes, para que não cessem as manifestações de vida. Fartos de contemplar uma população de olhar abstrato, distraído como o da raça bovina, devem estar os que sabem fazer confrontos.

Se alguma mágoa temos a exprimir é a de que não exista uma força, ou iniciativa nacional que impulsione êstes movimentos e lhes imprima vigor permanente.

A grande lástima reside em andarem à mercê do bemfeitor particular, que nem sempre se encontra disposto a dedicar-se à conveniência geral.

Não se carece de grande penetração para entender que os jogos constituem meios educativos, instrumentos poderosos de saneamento da raça. Como tais pertencem ao programa a ser considerado pelas instituições do Estado.

Dentro dêsse círculo meteu-se apenas a pasmaçeira académica das gymnásticas insípidas, semelhantes a cerimoniais de resa, que se praticam por dever escolar, como se para alguma coisa prestasse aprender uma arte de fazer medidas sem finalidade. O povo acaba de dar uma lição eloquente aos pedagogos e inventores de métodos.

O que êle quer é correr ao ar livre, saltar, mover-se, exercitar-se a competir em todos os movimentos e meneios do corpo. Agrada-lhe adquirir agilidade, vigor, decisão e segurança em todos os actos musculares que desempenha. Só isso o interessa porque muito bem compreende obter assim uma ampliação de faculdades que equivalem a um alargamento das condições da vida. Para adquiri-lo luta com ardor apaixonado, atraído de todo o seu ser. No interesse que toma pelas provas de excelência muscular mostra a razão que lhe assiste e aponta o caminho da verdade.

Como vai atendê-lo a corja dos mentais, dos pensadores desirmanados que por aí andam a verter ideias fátuas?



Um canto da vila de Seia, na encosta ocidental da Serra da Estrêla

VERÃO de 1932! Quando naquela manhã de Setembro sai da camioneta, no Alto de Tourais, para seguir a pé, através de montes, para a povoação de Sameice, ainda a Serra da Estrêla se deixava ocultar por uma neblina cinzenta, muito extensa, parecendo imóvel. Ao chegar, porém, a Figueiredo, o sol, como que adivinhando desejos, fez-me a vontade. Sob a sua poderosa acção, a névoa desapareceu; e agora, envolvida por uma intensa poeira de luz, toda a Serra me aparecia sem véu, grande, imponente, majestosa e serena. Mais uma vez a tina emfim muito próxima, descoberta, bem ao alcance da vista e minuciosamente clara. E pouco a pouco se sucediam os detalhes, desde as lindas povoações que lhe orlam a base até onde a vista, subindo, encontra o vivo azul do céu e daí volta para mais contemplação de contornos, de ondulações, de encostas, de ravinas, como que obedecendo assim a um ritmo constante, agradável, e que, por ser imensamente belo, já mais nos cansa.

E sempre fitando a Serra, não a perdendo de vista, e sempre seguido pelo acre aroma das estevas, do rosmaninho, dos pinheiros e das giestas, assim fui descendo vagarosamente, contemplativamente, até à Ponte do Pereiro. Demora, para descanso, durante alguns minutos.

Em baixo, a água do Rio de Seia, claríssima, parada, numa quietação silenciosa, reflectia, em pequenas manchas escuras, as folhas dos salgueiros que para ela se debruçavam, como que sequiosas de beijos naquela água tão calma, tão límpida, tão deliciosamente pura. E então aquela água, dum transparência viva, penetrante e onde os meus olhos demoradamente se fixavam, levou-me ao pensamento um dos principais motivos porque deixara naquele ano, por dois meses, Lisboa. É que neste verão horrível, dum

calor demorado, intenso, a água na capital do país, além de não ser boa, tendia a desaparecer e conseguia-se a custo. Vendia-se nos quiosques, nos cafés, nas tabacarias a hora incerta, tardia, por contágotas e a trôco de bom dinheiro, apesar de quente, intragável, sem saciar a vontade. E, enfastiado desta escassez de água, que mesmo com gelo mal se podia tragar, por mais dum vez me pareceu vêr, na minha fértil e arborizada terra, a Fonte do Amieiro, indiferente à calma, cheia de frescor e a dizer-me assim:

—“Vem, deixa êsse martírio. Conheces-me desde a infância e bem sabes que com a minha água límpida, cristalina, tão fresca como a neve, mato a sede a todos, mesmo no ardor do sol, e nunca faltei a ninguém.”

E até que, atraído por esta voz — da minha imaginação e que à minha vontade falava — e como que sentindo já a suave frescura da Fonte e o brando rumor da água, deixei o tormento de Lisboa e para a minha aldeia parti.

Da Ponte do Pereiro a Sameice, subida lenta, durante meia hora.

A princípio dum lado e outro, pinheiros soberbos, quase seculares, bons distribuidores de sombra e que, fustigados pelo vento, chegam a causar medo nas longas noutes de invernia. No fim da subida, a vista, ansiosa de panorama vasto, com mais horizonte, novamente se espraia e agora tanto para a esquerda, para o lado da Estrêla, como para a direita, para o lado do Caramulo.

Depois, caminho plano; e em breve aparece Sameice, com as suas casinhas brancas e outras escuras, irregularmente distribuídas por cinco pequenos bairros numa vasta campina abundante em vegetação, em hortas, em courelas, em velhos quintais e aprazível sombra; e lá em cima, para além dum grande campo de milharais e vinha e próxima de frondosas carvalheiras, a antiquíssima igreja, de contôrno invulgar, como que contemplando enternecida a povoação, e a projectar a sua alvura, lá ao longe, na sombria encosta da Serra.

E que lindo todo êste conjunto, quando durante as noutes quentes, dum profundo silêncio, depois de ter agradecido ao sol o calor e a luz, parece sonhar silencioso, sob o olhar brando da lua!... E é, para lá, para o lado da igreja, que fica, isolada, próxima do rumorejar das árvores, a Fonte dos meus sonhos e que tanto me atraía.

Fui vê-la, quando a sede mais me assaltou, dois dias depois de ter chegado. Como um filho saudoso, assim a procurei eu, como a uma mãe que se ama e nos dispensa carinhos. Munido dum pequeno copo de alumínio, articulado, segui pelo Outeiro, e pelo caminho longo, que do Outeiro conduz à igreja.

O sol declinava, polvilhando com ondas de ouro, para o lado do poente, a Serra do Caramulo. Pelas árvores robustas, algumas vergadas pelo peso dos frutos, um sópr tépido passava. E, cada vez mais desejoso daquela água da Fonte querida, cheguei ao adro. Do lado oposto,

À SOMBRA DA SERRA... FONTE DO AMIEIRO

em frente da igreja e junto à casa que foi noutro tempo escola, três homens, de pé conversavam. Aproximo-me. Eram o sr. António Bernardo de Lemos (pai), um bom e inteligente amigo, e o sr. prior da freguesia, cheio de santa fé e probidade. O terceiro do grupo não o conhecia. Tinha as calças salpicadas de terra e no ombro direito uma negra e pesada enxada. E, ao perguntar baixinho quem era aquele homem, pois que na terra já-mais o vira, quasi que também me foi dito em segrêdo:

— É o coveiro. Vejo abrir a cova para uma pessoa que morreu, e estava a receber instruções acerca da limpeza do cemitério.

E ah! que olhar, horrivelmente demorado, o coveiro neste momento me lançou! Pareceu-me sentir todo o peso desagradável da sua vista, desde a minha cabeça aos pés, como que calculando o trabalho que teria em cavar, afim de me abrir a cova. Mal impressionado, despedi-me e retirei. Dali à Fonte restavam umas dezenas de metros, por caminho curto, fundo, e onde o sol parece que não entra. E eis que outra pessoa aparece, que me faz parar, com quem converso e a quem transmito o fim que ali me levava. E, inesperadamente, por surpresa e sem que de tal duvidasse, eis a recomendação terrível que esta pessoa me fez:

— Não vá, senhor, não vá. Evite essa água. Está para aí muita gente doente, gravemente doente, e dizem que ela é a causadora de tudo.

Foi como se no sol, que naquele momento atingia o ocaso, caísse o copo de alumínio que levava no bolso e se fundisse, por inútil. E desgostoso, cheio de



Crucifixo mutilado, muito antigo, construído sobre penedos e contíguo à povoação de Sameice

aborrecimento, por vêr assim o meu desejo por terra, ainda me arrastei até à Fonte. Com a minha vontade frustrada, contentar-me-ia simplesmente em vê-la.

Junto dela, sentei-me. E triste, e como se ela fosse uma pessoa doente, mais uma vez a contemplo.

E, com o meu pensamento, falei-lhe — “Fonte da minha saudade para que me chamaste?!...”

A esta pergunta e ás considerações que o meu desgosto intimamente fazia, respondia-me o seu fio de água, caindo sem cansar da bica de pedra para o depósito, com um rumor leve, monótono, quasi imperceptível. Neste divagar da minha alma magoada, à medida que a claridade do dia diminuía, a minha grande sede aumentava. E no entanto, ela, a água do meu cruciante apetite, achava-se ali ao alcance da mão, saborosamente fria, com uma limpidez de cristal. Nesta tortura, entre o desejo e o receio, me debati durante algum tempo. Aproximava-se a noite. E até que me decidi.

Iria beber daquela água, uma vez só, pelo menos. Preparo o copo. E enquanto o enchia, parecia-me que a Fonte dizia: — “Bebe, bebe, não tenhas medo. Já vou para três séculos e nunca fiz mal a ninguém...”

Mas logo a seguir, eis que a imagem do coveiro me aparece, como que num aviso e a contradizer, atroz, aquêlê convite da Fonte. Ainda de enxada no ombro, os seus olhos novamente me medem, abertos, demasiadamente abertos, para o cálculo aproximado e sinistro de nova cova a fazer.

E foi sob êste olhar medonho, agourento e que tão má impressão me fez,



Um trecho do Rio de Seia

que repeli a atracção da Fonte, que despejei o copo e retirei aterrado.

Já o sol começava a abrir o seu fulguroso léque de luz, por detrás da Serra quando, mais cedo que do costume, naquela manhã me levantei. E, de baixo do afago caricioso daquela manhã luminosa, parti para Seia. Como sede do concelho chamavam-me lá assuntos que só nas sedes se podem tratar.

Sete quilómetros a pé, pachorramente, como de quem não tem pressa. E isto porque aquela paisagem, que mais uma vez via e mais uma vez me encantava, queria absorvê-la demoradamente com os olhos, para satisfação no presente e recordação do passado. Sebes verdejantes, macieiras carregadas de frutos, olivais dum doce serenidade e onde rolas cantavam, e, com mais abundância, pinheirais extensos, virentes e que pareciam viver felizes, vigorosos, com a acção poderosa da seiva. Mas foi para além das Folgosas que o panorama me apareceu mais empolgante, mais risonho, mais vasto, mais alacremmente imponente. É que a Serra da Estrêla estendia-se agora, alta, soberba, muito extensa, desde Gouveia até à ponta do Corcorinho. E, à medida que me aproximava, mais nítidos os detalhes, mais atraente o aspecto e mais êxtase para os olhos. Tão próxima da vista, mais sobressaía aquele dorso da Serra, cultivado aqui, povoado além, e para cima, em direcção ao cume, o terreno mais ou menos abrupto, já árido e por vezes escarpado.

Depois de ter chegado a Seia, demorei-me muito. Livre do calor do sol, só regresssei a casa com a suavidade da tarde. E quando já cá vinha longe, muito longe, para mais uma despedida, olhei para trás. Desmaiava a Serra, toda suavemente colorida de azul e purpura. Já o sol, no poente, despertava reflexos de fogo, aqui e além, nas povoações da encosta, dando a nítida impressão de que os vidros das janelas ardiam. E, continuando o regresso, ainda que fôsse acompanhado pelo bafo leve da brisa, o desejo ardente de água, como se fôsse um bandido, foi assaltar-me ao caminho. Quando cheguei ao adro da igreja, findava a tarde. E porque a atracção irresistível da Fonte do Amieiro me perseguia e parecia não ter fim, e ainda subjulgado por êste louco desejo, mais uma vez a procurei.

E, então, pensava: “Quem sabe se o que corre acerca dela não tem fundamento e não passa de suspeita...”

E mal suportando já a sede e todo encorajado por esta esperançosa dúvida, mais uma vez encho o copo e mais uma vez o levo à boca. Não cheguei, porém, a tocar-lhe. É que neste momento, como se o Destino troçasse de mim, os sinos da igreja, muito dolorosamente, come-



Igreja de Sameice, no concelho de Seia, da Ordem de S. João e construída no princípio da primeira dinastia

çaram a tanger: “Dlim... dlim, dlim... Dlim... dlim, dlim...”

Dobravam a finados, por mais uma pessoa que morrera. Num desespero, arreliado, e agora de todo decidido, mais uma vez rejeito a água e mais uma vez fujo da Fonte, daquela Fonte falsa, traícoeira, e que tanto me enganava. Quando cheguei a casa, ainda os sinos dobravam, como a uma sonda, lenta, grave, imensamente triste.

Parti para Lisboa. Passam-se meses. E porque me lembrasse a Fonte, o meu desejo insatisfeito e a má fama que a Fonte tinha, escrevi para a minha aldeia e perguntei por ela. E eis, em resumo, a resposta:

“A Fonte estava inocente. Algumas pessoas morreram por doenças já velhas, anteriormente adquiridas; e muita gente bebera da Fonte, sem que mal algum lhe viesse. Só duas ou três pessoas adoeceram, com sintomas de epidemia, mas sem que nenhuma delas morresse. Mas, mesmo que a morte as tivesse levado, não podia isso atribuir-se à Fonte, visto que a mesma doença se manifestou também nalgumas povoações vizinhas...”

Fonte do Amieiro, que tanta apreensão me dêste, espero que me releves o ter duvidado de ti, julgando-te traidora. E hoje, arrependido, eu te saúdo, oh Fonte dos meus sonhos! Saudô-te e felicito-te por estares enfim absolvida das mortes que te atribuíram. Tingia a tua reputação uma nódoa grave, muito negra. Mas a claridade fez-se. E, inocente, tudo suportaste, pacientemente, resignadamente, com uma bondade infinita. Mas que queres, minha pobre Fonte, se o mundo é assim!... Não podem os seres e as cousas, muitas vezes, fugir facilmente ao estigma da injustiça e ao nefasto efeito que vem da acusação, sem provas. E é que nem só pela maldade neste mundo se sofre, pois que muito mal provém também do erro. E assim vêmos, por toda a parte e no decorrer do tempo, o peso enorme da culpa a denegrir, infundada, o nome, a vida, o honesto proceder de uns, pelo incerto juízo e errada opinião de outros.

Nestes tempos prováveis que vão correndo, em que o interesse se sobre-põe ao sentimento, a gente ri com ar incrédulo e trocista, quando ouve falar de amor.

E, então, se uma menina romântica, com atavismos atrevidos, sonha com o homem ideal, e homem duma só mulher, até dá vontade de lhe aplicar dois bons açoites, para que não seja tão tóla e tão criança.

Amor! amor sincero, quem pensa nisso? Pois é lá possível que o coração ainda se preocupe com outra coisa que não seja a distribuição do sangue, tão indiferente e metódico como um leiteiro a domicílio?

Isso sim! Já foi tempo em que os homens só viviam para as mulheres e elas para eles. Hoje há milhares de distribuições e outros tantos interesses que separam os dois sexos, que apenas se aproximam, quando o instinto grita mais alto do que as conveniências pessoais.

E, para se fazer ouvir, já precisa ter fome de amor—dêsse amor que se toma como se come ou se bebe, por exigências puramente fisiológicas.

Isto pensámos nós, os desiludidos, os queimados pela fogueira da experiência.

Mas, mau grado nosso, somos obrigados a engavetar os pessimismos adquiridos á custa de muita ilusão gasta e de muita esperança perdida, e recitar o verso célebre:

“Ah, como sabe amar a gente portuguesa!”

*

* *

De dois casos de paixão verdadeira e empolgante há que tirar esta conclusão: O amor não póde acabar. Agoniza por vezes, mas com um reservatório de energias espantoso reage, enxota a morte, e reaparece triunfante num canto ou noutro dêste orbe tão causticado pela ambição e pela maldade.

No primeiro caso, encontraram-se, êle e ela, ambos tocados já a fundo pela tuberculose, e em seu peito, vazio de pulmões, ergueu-se, forte e poderosa, a árvore das delícias que o travesso Cupido cuida com ternuras de menino mimado.

Os olhos dêle, dilatados pela febre, juntaram-se aos dela onde o mesmo fogo ardia, para verem melhor o último lanço do caminho, que era o primeiro de ventura.

Ela morreu. Êle acompanhou-a na

Ainda se ama em Portugal

etapa final, de chapéu na mão, sob um sol abraçador.

Os amigos diziam-lhe para abrigar-se dos raios assassinos. E êle, impávido, nada ouvia, todo entregue à recordação dos doces protestos trocados entre duas golfadas de sangue, quando seus dedos emagrecidos se entrelaçavam em veemências apaixonadas, como tronquinhos secos.

Para que queria êle a vida, êsse resto miserável dum hipotético existir,



D. ANINHAS BRUN
filha do saudoso escritor André Brun

sem ela — a esposa sonhada e inacessível agora?

Recolheu ao seu quarto, nunca mais comeu, e deixou-se morrer para que suas almas se juntassem mais depressa.

O outro caso já o público o conhece:

Uma encantadora criança, roseira em flôr, namorou-se de outra criança, um estudantinho garboso e gentil.

Os dois divagavam contentes, descuidados, e alheados do mundo, pelos meandros do ideal, bordando projectos dum futuro feliz, quando a noivasinha, delicada e esguia como a haste dum lírio, começou murchando,

roída por um mal que não perdoa, um mal que sendo tão cruel tem contudo a preocupação bizarra de não matar ilusões.

Por isso, ela, já pendendo para a sepultura, ainda acariciava esperanças, ainda se revia nos olhos do bem amado e lhe falava do amanhã, sempre entusiasta, como se vendesse saúde.

Êle, porém, não se iludia. Aqueles olhos brilhando nas faces cavadas e pálidas traziam já os sinais da terrível ceifadora de mocidades.

Falou com o médico, pediu-lhe que o desenganasse: Podia esperar dias melhores? — Não! foi a resposta franca e leal de quem não devia mentir.

E, não podendo suportar o golpe terrível e querendo que ela levasse consigo a certeza de ser amada com um amor raro, êsse “amor coração”, de que nos fala Júlio Dantas pela bôca do Cardeal Gonzaga na *Ceia dos Cardeais*, subiu a um quarto frio de hotel e meteu na cabeça uma bala.

Ela compreendeu e, docemente deixou-se levar daí a pouco para junto dêle, da alma irmã da sua alma romântica.

*

* *

Pobre Aninhas! Lá vais vêr também o teu paisinho que tanto te quis, êsse humorista que por dentro era um melancólico, um sonhador, como êsses palhaços que nos fazem rir, engulindo lágrimas.

Morreste, mas conhecesto o amor, sem ter provado o seu travo amargo. Só pudeste imaginá-lo. Nunca o tocaste bem. Nunca o viveste.

Quem sabe, Aninhas, o que acontecerá a êsse amor, se êle vingasse... A vida é tão cheia de ciladas! Sabe-se lá nunca o que vamos encontrar, ao voltar a esquina...

Os sinos que tocaram, à tua entrada no templo da morte, podiam ter tocado, quando entrasses na igreja para ajoelhares aos pés do altar com o teu noivo ao lado.

Mas serias tu mais feliz, depois, do que o foste, quando tiveste a prova suprema de que êle morreu amando-te, e que morreu por te amar tanto?

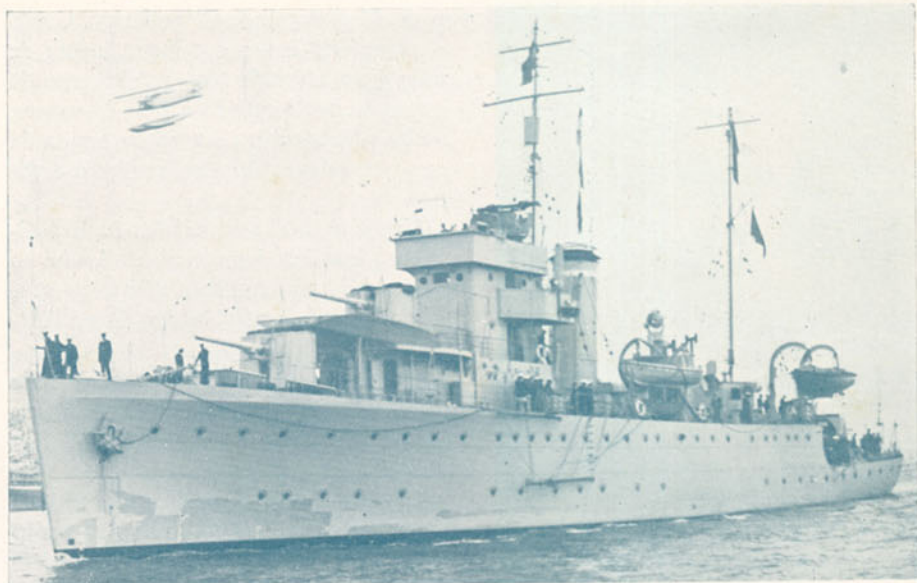
Ê veidosa a resposta... Lá vem outra vez a maldita descrença.

Fôsse como fôsse, o que é certo, é que podemos por agora gabar-nos de que há quem saiba ainda amar em terras de Portugal.

Mercedes Blasco.

A NOVA ESQUADRA

Já está no Tejo
vindo
de Inglaterra
o aviso de guerra
"Gonçalves Zarco"



No dia primeiro de setembro, pelas onze horas da manhã, ancorou no Tejo [mais uma nova unidade da marinha de guerra: o aviso «Gonçalves Zarco». O barco, que havia sido entregue no alto-mar, em frente de Hole Haven, ao sr. capitão de fragata Quintão Meireles, comandante do novo aviso de guerra, tem as seguintes dimensões:

Comprimento, 267'-7"; largura máxima, 85'-7" e altura, até o primeiro tombadilho 17'. A ponte do comando estende-se sobre três quartas partes do seu comprimento total. A prôa foi especialmente construída de fôrma a permitir a aplicação de projectores, se fôrem necessários. Tôda a construção é apropriada para serviço nas colônias portuguesas.

Os alojamentos da tripulação estão situados à frente, no tombadilho superior, permitindo o máximo de ventilação e luz naturais. A casa da guarda também fica no tombadilho superior, ao passo que as cabines dos oficiais se encontram no tombadilho imediatamente inferior.

O armamento principal do aviso consta de três peças de 120 m/m, duas à prôa e uma à ré. Uma das da prôa está num plano superior, o que torna possível o tiro simultâneo das duas peças em qualquer direcção. Para defesa anti-aérea, está o «Gonçalves Zarco» munido de dois canhões de 40 m/m. Todo o armamento é ligado por meio de um sistema completo de comando de tiro.

O «Gonçalves Zarco», igual ao aviso «Gonçalo Velho», que foi construído nos mesmos estaleiros, entrou em construção em 9 de outubro de 1931 e foi lançado à água em 28 de novembro de 1932.

Na sala dos oficiais, e num quadro encimado por duas cruzes de Cristo, lêem-se estas palavras, em iluminuras:

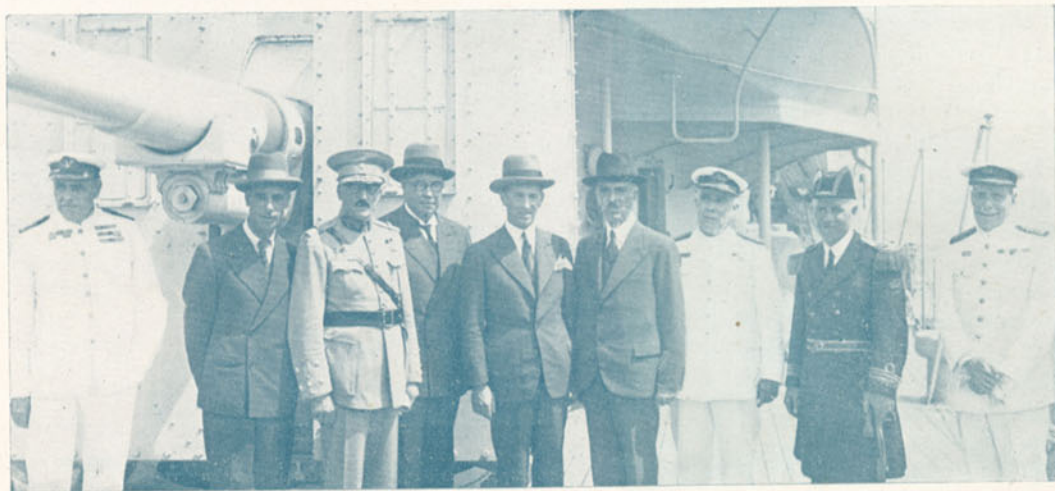
«Gonçalves Zarco.—Guerreiro e navegador do século XV. Combateu valorosamente em Ceuta e em Tanger, onde foi armado cavaleiro, pelo Infante D. Henrique. Descobriu o arquipélago da Madeira. Teve mercês de uma das duas capitânicas em que foi dividida a Madeira. Houve em 1865 a 1876, uma canhoneira chamada «Zarco» em memória deste navegador.»

O «Gonçalves Zarco» foi visitado no dia da chegada ao Tejo por alguns membros do governo e pelos altos comandos da Armada. Passada a visita foi servida, na câmara do comandante, uma taça de champagne. Usaram da palavra os srs. comandante Quintão Meireles, que agradeceu a visita e se congratulou com a execução do programa naval e o sr. ministro da marinha que se regosijou com a chegada de mais um barco de guerra.

EM CIMA—O novo aviso de guerra «Gonçalves Zarco», no momento de amarrar à boia, em frente do Terreiro do Paço

AO CENTRO—A saudação da aviação naval à nova unidade da marinha de guerra portuguesa

EM BAIXO—Logo que ancorou, o «Gonçalves Zarco» foi visitado pelos membros do governo e altos comandos da armada. Da esquerda para a direita: comandante Oliveira Muçanti; sub-secretário das Finanças, sr. dr. Agnêdo de Oliveira; ministros da guerra, marinha, interior e instrução; comandante Sarmento Saavedra, comandante geral da Armada; comandante do «Gonçalves Zarco», capitão de fragata Quintão Meireles e chefe do Estado Maior Naval, comandante Filomeno da Câmara





"B. J. S. Cahil, arquitecto californiano a quem se deve o invento do «mapa-borboleta» que suprime os numerosos inconvenientes do planisfério vulgar

POUCA gente sabe — e os que sabem nem sempre o recordam quando é preciso — que o mapa-mundi, vulgarmente chamado planisfério, oferece da superfície do globo um aspecto falseado, que se afasta muito da realidade.

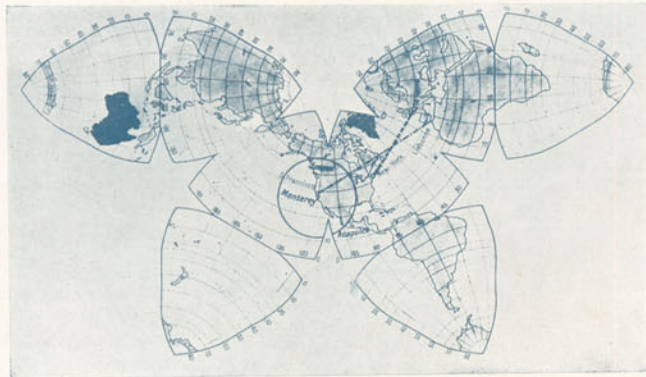
Deve-se a invenção deste género de mapas ao holandês Kaufmann, também conhecido por Mercator e que deixou este último nome ligado ao seu invento.

Apresentando a terra uma forma esférica, Mercator imaginou projectá-la sobre um rectângulo. Como facilmente se compreende após um instante de reflexão, este resultado só pôde ser obtido à custa duma deformação crescente a partir do Equador no sentido das regiões polares.

Daf resulta que as proporções são modificadas, dando ao observador pouco iniciado nestas questões uma ideia errada.

Outro sistema de planisférios é o conhecido pelo nome de Mollweide. Difere do antecedente apenas no facto das distor-

sões não se verificarem ao Norte e ao Sul, mas sim ao Oriente e ao Occidente. É, portanto, o sistema de Mercator modificado apenas no sentido da projecção. Apresenta, por isso, os mesmos inconvenientes, agravados ainda pelo facto de a deformação extrema atingir um maior volume de terras habitadas e induzir, por consequência, em erros de maior vulto. Isso tem feito com que



O «mapa borboleta» obtido pela divisão da superfície terrestre em quatro partes com um mínimo de deformações na planificação e mais rigoroso, portanto, no seu aspecto

o de Mercator lhe seja preferido. Como o planisfério é um dos instrumentos de uso mais corrente nas escolas, sucede que o aluno habituado a fixar esse mapa acaba por adquirir uma noção errada da extensão relativa dos continentes e oceanos.

Um observador superficial poderá dizer-nos que esse inconveniente é mínimo e que dele não resultam diferenças sensíveis. Não é, porém, assim, como facilmente se pode provar.

Pregunha-se, por exemplo, a uma pessoa de cultura mediana qual é a proporção entre as dimensões da Austrália e as da Groenlândia.

É quasi certo que nos responderá ser a superfície da Groenlândia cerca de quatro vezes maior. E o planisfério lá está a dar-lhe aparente razão. Mas comparemos agora sobre um globo esférico e verificaremos, com surpresa, que a superfície real da Groenlândia pouco ultrapassa metade da da Austrália.

Como este poderíamos citar grande número de erros provenientes da fixação na memória duma falsa noção inscrita em todos os planisférios.

Assim, por exemplo, muita gente está convencida que a superfície do Canadá é superior à dos Estados Unidos, quando é o contrário que sucede. É porque, estando o Canadá mais ao Norte, a deformação a que a curva terrestre obriga é maior e conduz à inexactidão apontada. O mesmo sucede com a Sibéria, cuja extensão é menor do que em geral se julga.

Vejamos agora um caso de aplicação prática, em que a deformação do planisfério induz num erro evidente.

Quando do recente «raid» da esquadra aérea de Balbo publicou a «Ilustração»

UMA UTIL REFORMA

Os erros do planisfério e um original invento americano que remedeia os seus muitos inconvenientes

um gráfico demonstrativo do itinerário do vôo. Comparando esse gráfico com os comentários que o acompanhavam alguns leitores julgaram talvez surpreender um erro na afirmação de que a etapa Shoel Harbour-Açores fôra a maior do que parecia contrariar a nossa afirmação. A explicação já a demos para os casos acima referidos. Deformado para efeitos da projecção, o Atlântico apresenta nas latitudes mais elevadas uma extensão falsa que excede a verdadeira.

Ora, como fomos dizendo, o planisfério não só representa um grave inconveniente porque habitua a memória desde os primeiros anos de estudos a uma noção geográfica errada, como pode ainda induzir em erros graves e acarretar consideráveis prejuízos.

Assim, um armador marítimo que de-seje fazer tocar um dos seus barcos em determinado porto terá toda a vantagem em enviar ordem nesse sentido ao barco que se encontra mais perto. Pode suceder, porém, fazer os seus cálculos, num momento de precipitação, sobre um planisfério sem tomar em linha de conta a deformação a que nos referimos.

Assim, a ordem pode ir justamente para o barco que se encontra mais afastado do local.

Contudo, o emprego da esfera não é cómodo nem práctico. A projecção plana oferece vantagens que não é fácil dispensar. E na resolução deste problema têm-se ocupado diversos sábios.

A solução que apresentamos aos nossos leitores é da autoria dum architecto da Califórnia, o sr. B. J. S. Cahil e foi apresentada há pouco tempo ao público parisiense

pelo professor de La Herverie. Chama-se a invenção do architecto californiano «mapa-borboleta», nome inspirado na sua fôrma.

Cahil é uma personalidade eminente nos Estados Unidos. Architecto dos mais illustres, a ele se deve a modernização de S. Francisco, onde construiu alguns edificios maravilhosos como o Columbarium, um dos mais vastos e belos do Mundo. Dotado dum espirito de renovar infatigável, ocorreu-lhe remediar os inconvenientes conhecidos do planisfério. O seu invento tem merecido gerais louvores aos geógrafos de todo o Mundo. E como quasi todos os grandes inventos apresenta estas duas circunstâncias curiosas: a de ser duma simplicidade desconcertante e a de nunca ter ocorrido a ninguém.

Como os gráficos que acompanham este artigo claramente explicam, consiste em dividir-se a superfície em quartos e em torná-los planos mediante pequenos cortes na parte mais curva.

O processo applicado por Cahil é mais fácil de compreender do que o interesse científico da sua invenção. Assim, da observação do gráfico que reproduzimos aqui junto facilmente se deprende o meio de que o inventor lança mão para nos dar da superfície esférica do globo uma representação plana que apresenta um mínimo de deformação.

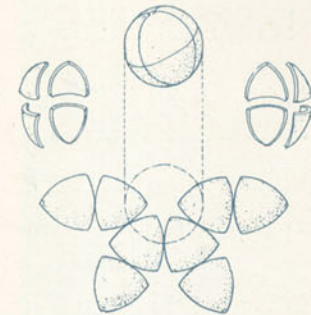
Tomemos, para exemplo, uma laranja que descalcamos em quartos. Pretendemos agora dar a esses quartos uma disposição plana, sem os esmagar. O processo mais lógico consiste em fazer pequenos golpes nos sitios em que a curvatura é mais pronunciada. E' o que

o inventor faz obtendo assim uma planificação da esfera que não tem já os numerosos inconvenientes do planisfério de Mercator.

Aplicado este processo resulta uma representação cartográfica que à primeira vista se nos afigura estranha, mas a que em breve nos habituamos. Por ela se suprimem os erros grosseiros no cálculo das distâncias e na avaliação das superfícies.

Na opinião dos sábios pode, pois, dizer-se que o processo Cahil está consagrado. Isso não impedirá contudo que durante muito tempo vejamos ainda nas escolas, nos atlas e nos compêndios de geografia, planisférios absolutamente inexactos que com o tempo acabam por estabelecer no espirito uma considerável série de conceitos errados. Todo o erro ou preconceito possui em si mesmo um poder de resistência que o faz perdurar para além dos limites que a propria evolução das ideias lhe impõe. E em contrapartida toda a ideia reformadora tem de lutar contra esse singular sentimento a que Lombroso chamou «misonicismo», e que consiste, afinal, no ódio das cousas novas.

Convem reconhecer que o «mapa-borboleta» com o seu original recorte apresenta, a despeito de todas as suas vantagens, um aspecto que desorienta o leigo nestes assuntos e é essa a maior dificuldade que se opõe à rapida expansão da ideia. Só o hábito poderá, afinal, superar esse obstáculo. Uma vez familiarizado com o aspecto do novo planisfério, qualquer pessoa começa a reconhecer as suas vantagens. E já ninguém pensará ao olhar para elle que a Venezuela é mais pequena do que a península escandinávia, como



Representação gráfica do processo seguido pelo architecto californiano para a divisão da esfera no sentido de obter a sua projecção num plano

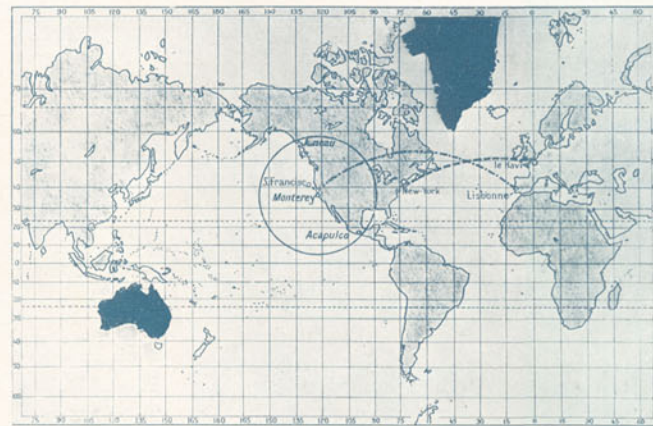
o planisfério de Mercator no-lo mostra. O «mapa-borboleta», repondo a superfície terrestre na sua verdadeira forma, prova que sucede exactamente o contrário, isto é, que a Venezuela ultrapassa consideravelmente em superfície a península escandinávia.

Passado o primeiro período da hostilidade que terá inevitavelmente de defrontar, o invento de Cahil terá decerto a consagração geral. Em França empenha-se por isso, como dissemos, o professor de La Herverie.

Também em Portugal nos parece para desejar a sua introdução como meio de criar no espirito dos alunos de todas as classes uma ideia mais exacta do globo que habitamos. Aqui fica, por isso, a ideia, à espera que algum geógrafo português se proponha impulsional-a, contribuindo assim para uma útil reforma no ensino de geografia.

Neste ramo importante do conheci-

mento humano, afigura-se nos da máxima vantagem que as noções gerais difundidas pela instrução sejam quanto possível exactas, ao contrário do que actualmente succede com os planisférios de Mercator que lentamente infiltram no cérebro um aluvião de conceitos erróneos de que o individuo de mediana cultura raro se chega a emancipar por completo.



Mapa mundi do sistema Mercator. Veja-se a relação entre as regiões marcadas a negro e comparem-se com as que o «mapa-borboleta» reproduzido aqui ao lado nos apresenta

No Caramulo

UM ALMOÇO

no Sanatório da marinha

No alto da serra, onde os doentes dos pulmões vêm buscar a cura ou alívios para o seu mal, a vida é monótona mas suave. Dispersos pelos cinco hotéis e várias pensões que aqui existem, êsses doentes fazem curas de repouso, passeiam e amam. Amam principalmente. Pela tarde, quando o Sol decai, vêem-se a miúdo passarem aos pares, um e uma, em amena conversa amorosa, que se prolonga, na volta ao hotel, no salão...

No Grande-Hotel — de cuja vida estamos mais ao facto — as dedicações são freqüentes, os idílios, os projectos de casamento e até a sua realização. No mês passado realizou-se ali o casamento de dois doentes, que gozam neste momento uma doce lua-de-mel por outras paragens, mas que voltarão, porque a saúde dos dois assim o exige. Que a benção de Deus caia sobre êles! Porque não teriam os doentes duma mesma doença, curável ou não, o direito de gozar o melhor bem que a vida concede à humanidade, o amor, razão de ser de todo o animal e à volta do qual todo o mundo gira? Morrer depois? Que importa! Mas não morrer sem o ter sentido, sem o ter experimentado.

Papá Lacerda — o dr. Jerónimo Lacerda, director da estância — parece que assim o entende, generosamente, sentindo, de certo, que só pelo amor vale a pena viver, e que sem êle a vida pouco ou nada vale. De resto, a proibição seria obedecida? Não, certamente. Porque viver não é existir longos anos sobre a Terra, é experimentar sensações.

Seis são os médicos que têm a seu cargo os doentes em tratamento no Caramulo; entre êles está o dr. Manuel Amaral, muito querido dos doentes e



Vista geral do Caramulo

cuja expressão de fisionomia, animada por um admirável sorriso de extraordinária doçura é um benefício calmante, que dá paz às almas.

No hall do Grande-Hotel aparece uma ou outra figura conhecida nas ruas de Lisboa. A maior parte dos doentes, fortes, de bom aspecto, ninguém os diria atacados daquele mal; apenas se vê, por acaso, um ou outro esqueletosinho airoso, pisando o solo com elegância, delicadamente. Um vestido de veludo roxo que eu vira há uns três anos no Sanatório da Guarda, movimentado e nervoso, avistei-o já aqui, transformado em linho azul; hoje, tudo se consegue da ciência e da indústria.

Neste momento fazem melhoramentos importantes por toda a estância; a fachada do Grande-Hotel, com novas galerias de curo; a sala de jantar, renovada; alguns ornamentos artísticos; o alcatroamento de parte da estrada que dá acesso ao Caramulo; e funciona já há meses a lavandaria a vapor, com todo o maquinismo necessário à perfeita desinfecção de roupas.

As senhoras do Caramulo, entre as quais figura principalmente a senhora D. Margarida Lacerda, esposa do director, contribuem com a sua presença saudável e a sua bondade invulgar — não

sei se devido à pureza do ar da serra que, penetrando-lhes na alma, as suavisa — para alegrar a estância animando-a sempre que podem, promovendo festas, auxiliando os doentes.

A chegada do sr. dr. Salazar à casita romântica, simbolicamente oculta entre arvoredos e cuidadosamente preparada por Mme Lacerda, não se fez sentir. Apenas o avistei há dias de passagem, vestido de preto, ocultos os olhos por vidros fumados, dentro dum automóvel conduzido pelo dr. Lacerda. E o Presidente, pacífico e recolhido como um monge, expulsa vagarosamente dos seus pulmões o gás com que a política lhe envenena o organismo, e substitui-o pelo oxigénio puro que lhe oferece a montanha.

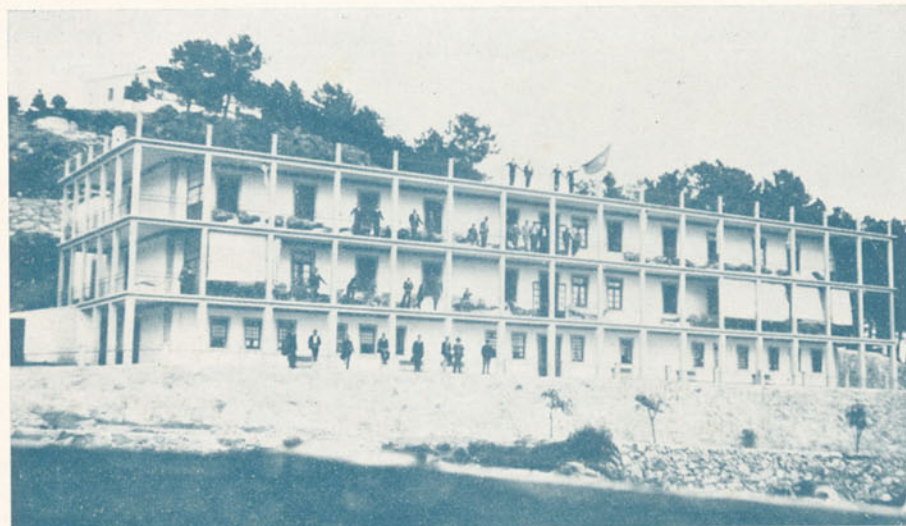
Almocei há dias no Sanatório da Marinha acompanhado pelo comandante Navarro Hogan, delegado da comissão de assistência aos tuberculosos da Armada, e sua filha, e do sr. José Campos, gerente do Sanatório, que nos fez amavelmente, as honras da casa.

O primeiro andar do edifício é destinado aos ferro-viários, que constituem um agrupamento à parte, sob a fiscalização da C. P.; o resto aloja marinheiros e sargentos. Êstes, sujeitos à disciplina humanamente branda mas firme do comandante Hogan apresentam-se disciplinados e correctos. Têm ali uma biblioteca — organizada pelo mesmo oficial — e além disso jogos, cinema, telefonia, jornais, etc., etc. — o que é necessário para lhes distrair o espírito.

Para lhes tratar do corpo, como médico, têm o dr. Celso Horta e Vale, um rapaz, muito novo ainda, cujos olhos verde-glaucos penetram já proficientemente.

O almoço foi, como é sempre, composto de sopa, três pratos, dois ovos, vinho, fruta e café, tudo abundante e bem cozinhado. O serviço de mesa é perfeito e irrepreensivelmente limpo, como todo o edifício, devido aos cuidados do seu gerente.

No Caramulo os doentes sofrem e morrem, às vezes, mas geralmente vivem num num relativo bem-estar, curando-se passando, conversando e amando. Quem na vida não sofre! Mas todo o mal tem as suas compensações.



O Sanatório da marinha no Caramulo

O CONCURSO DE "MAILLOTS", NO ESTORIL

O Estoril está sendo, com justa razão, a praia onde melhor se pode passar o verão, pela quantidade e variedade de diversões que ali se efectuam durante a estação calmosa. As festas sucedem-se. Ainda ha dias se tinham realizado um torneio de espada, uma festa náutica e uma "gyncana" na praia e já hoje podemos dár aos nossos leitores vários aspectos gráficos dum concurso de "maillots" que levou á piscina das Termas muitas centenas de espectadores. O programa foi or-



ganizado pelo actor Erico Braga—o animador já clássico dèstes festivais—e constou duma parte de natação desportiva, seguindo-se o concurso de "maillots" 1933, envergados por actrizes e coristas dos teatros da Trindade, Variedades, Avenida e Maria Victória. Houve depois uma passagem de fatos de banho desde 1880 aos nossos dias. Foi um espectáculo interessante, cheio de imprevisto. Exibiram-se os mais grotescos fatos — grotescos para hoje — que a decência das nossas avós inventou para deformar os corpos humanos em plena praia. A festa terminou com um animado chá-dançante no *hall*, acompanhado por números de variedades, que foram muito aplaudidos.





A mulher da fava-rica ignora que o seu grilo
é luz na cidade...

Os poetas fartaram-se de cantar, ou antes, de choramingar, (quantos sem nunca a ter visto!) a manhã no campo, a bucólica manhã, com o "pálido azul", os humildes casebres, os esperos arroios, a passarda chilreante, emfim essas imagens tão repetidas, tão sabidas de cór, que para nós são mais reais do que a realidade da manhã campesina. E, como os poetas, fartamente a cantaram os músicos, como Grieg, que a pôs em mágicos acordes, e os pintores a pintaram e repintaram, à semelhança de Corot, Constable e toda uma chusma de discípulos que continuam a pintá-la com os mesmos azuis de gaze líquida e os mesmos verdes tenros, embasbacando tanta gente que, na verdade, detesta a autêntica campina.

Enfadonhos maníacos, e gente inconsciente! — dirão... Pois assim têm sido a grande maioria dos artistas e os seus

admiradores. E assim será, enquanto o gentio, mesmo o tido como conhecedor, se não compenetrar, como sucede com as burguesinhas ledoras de romances impossíveis, que a Arte não é o que está mais longe da vida, desde as "paisagens" à pura fantasia, mas pelo contrário, o que está mais dentro da vida.

Assim o pressentiram já, sem ainda o compreender, os Mussets boémios de Montmartre, cantores de costureirinhas Mimis Pinsons, em vez de supostas princesas e inconcebíveis ninfas, enquanto ainda os Lamartines só meditavam diante das paisagens e das estrélas. Depois o exageraram os poetas de trapeira, do século passado, pobres satânicos, roídos de fome e sedentos de imaginários absintos.

No entanto, foi primeiro na Pintura, ainda hoje tão paisagista — ou "paisagista", em países atirados como o nosso, que a cidade começou a influir na Arte. Quando a pintura era ainda apenas "paisagem", Manet pintou um aspecto, ainda que enevoado, forte, impressivo, da gare de Leon. Depois Toulouse-Lautrec pôs-se a fixar na tela e no papel os abortos da boémia montmartrense, e Degas a viva pobreza estética das bailarinas quando, nos bastidores se abandonam com as suas gazes engomadas, ou ensaiam na lição o voo coreográfico dos seus membros torturados.

Entre outros poetas, Albert Samain, cantou horas e trechos da melancolia de Paris, depois dum inspirador estágio servindo senhoras ao balcão. Mais forte, foi Cesário Verde em Lisboa.

Assim a cidade, onde se intensifica a vida humana, foi surgindo, rica de promessas, na Arte. Finalmente e hoje, menos refractários à vida que os verzejadores, cantam-na músicos como Turina. E há realmente, espalhada nela toda uma orquestração, escusando-se em melodias, em solos de sombra pelos bairros humildes e, em particular (pois a poesia é, afinal música) uma poesia sentida, enleante, ascendente, se degrada da cidade, ao estreminhar-se em cada manhã para a vida. E esta poesia não é simplesmente pitoresca, imaginação perdida no espaço,

O despertar da cidade e os que a estão a "voltar-se para o outro lado"

mas sobretudo áncia real, actividade que irrompe, a actividade da grande, complexa vida cidadina, que se estremunha poética como tudo o que nasce para um pesado, insistente e belo sacrifício!

O que não quer dizer que não haja pitoresco, simples pitoresco, na natureza-morta da cidade ainda inerte, quando a alvorada, logo após o sumir-se da luz ar-



Chegam os primeiros combóios...

ficial, a derrama toda de uma luz vital, vivificante, espiritual como uma aleluia, esperançosa como uma Anunciação, depurando-lhe as ruas e as praças antes que as agite a circulação do trânsito, sangue das suas artérias. Há, a essa hora, com o dissipar das sombras nocturnas, uma vaga descongelação, um desentorpecimento da própria pedra de que são feitos os calcetamentos e a frontaria dos prédios, que parecem animar-se, tocados pela luz natural, da mesma vida humana que desperta. Do sombrio tom da noite em que a cidade uniformemente se pintava, surgem sob o céu luminoso, os claros, os cinzentos, tôdas as côres e todos os tons; as portas perdem aquele ar carrancudo, inóspito, com medo dos ladrões e entrebrem-se com o caixote do lixo, os detritos, o pó, os papéis velhos, talvez até esperanças inúteis, inconfessáveis, ilusões vãs, mortas, da vida que se viveu mais um dia; e as janelas brilham já como olhos espertinados avistando o sol, chamando a si a luz, antes que as vidraças sejam bocas que se abrem ansiosas, para respirar o ar puro, o ar novo.

Os noctívagos, os boémios, conhecem como um depuramento das suas orgias, o poético pitoresco dessa ressurreição,

mas preferem muito à poesia, e sobretudo ao misticismo, o espírito do vinho e dos beijos. Conhece-o também a mulher da fava-rica, vendedeira modesta que vai pela cidade ainda deserta, amadornada, toda fresca, vestida, aureolada da luz que desponta, levantando o seu pregão, até ao mais alto dos prédios, dir-se-ia até ao céu amanhecendo, ignorando que o seu grito



O madrugador padeiro...

é luz na cidade, e pode ser alimento matinal para o espírito que acorda, como a sua mercadoria o é para o corpo que se levanta. Conhece ainda esse pitoresco, o madrugador padeiro, e o leiteiro, que vão pela mesma cidade erna, cheia, parece que sussurrante da esperança do novo dia, levando de porta em porta, de andar em andar, o pão e o leite, os primeiros alimentos reconfortantes de cada manhã, que irão ser sangue, vida, trabalho, espírito, carinho, amor. E também conhecem esse pitoresco e mísero trapeiro, parasita do que os outros deitam fora, e o gato vagabundo das ruas solitárias, alpinista dos telhados, amante da lua, adorador, orgulhoso, do céu e das estrélas. Ambos estes, ínfimos boémios da vida, ainda conseguem, esgaravando no lixo dos outros, alguma coisa de aproveitável, útil para si; e quantas vezes assim não é neste mundo, onde até o que alguns desdenham, aborrecem, são belas ambições para muitos!

Entretanto, com o levantar da luz, movimenta-se em baixo a cidade. Passam os eléctricos, mais pintados de novo e com um som mais claro, alegre nas suas campainhas. Passam, morosos, a tilintante carroça ou o ruidoso e bojudado camião

do lixo, que levam e que ficou do filão dos trapeiros e dos gatos. Transitam os que primeiro despertam para o seu moirer mais matutino, enquanto outros tomam a primeira refeição, que terminam com o beijo na esposa, um beijo que sela até à noite uma alta na grata intimidade, recuando dos filhos, ainda fazendo ó-ó, reconfortando-se para serem amanhã os ministros, os generais, os grandes homens que os filhos começam a ser no coração dos pais.

Há ainda um ar risonho na luz, que rejuvenesce, veste de lavado, alegre a espidada sopeirinha que vai às compras, ao mercado toda atafalhada de frescura e das côres dos produtos que a terra dá, e se enche da algazarra galdéria com quem se disputam, esses produtos em duelo com a bolsa, peça a peça, palmo a palmo, como se não fosse a terra, muito sossegadinha, que os tivesse dado. No entanto, há que não perder-se a mira no ganho, enriquecer, enriquecer, pois em nenhuma outra parte como na cidade, a vida começa amanhã!

Crece, cresce sempre com ânsia, o movimento das ruas, assaltam-se de corrida, porque o sono tinha garras, os eléctricos, passam os primeiros automóveis dos que não podem ser mais pobres ou querem ser mais ricos. Chegam às gares os primeiros combóios e vapores, carregados de mais gente, que a ventosa imensa, activa, da cidade absorve diariamente aos seus arrebaldes. Passam, espantando-se com ares impudentes e risos de mocidade, as costureirinhas; e o que nos outros que passam é pressa, nelas é alegria traquinas, sexual. Levantam-se já, com fragor, enrolando-se nos seus encalxes como ágeis serpentes mecânicas, as corrediças onduladas do comércio, e ao alto das fabricas, as sereias lançam os apêlos de alvorço, porque se vão pôr em circulação as engrenagens poderosas e criadoras.

E não haverá nisto, poesia, poesia de pitoresco, de acção, de entusiasmo? Creio que sim. Mas a essa hora estão a "voltar-se para o outro lado", os amadores de Arte, os literatos egrégios, fazedores



O pitoresco e mísero trapeiro, parasita do que os outros deitam fora...

de delicadas utopias; os artistas de salão, que são os paisagistas; os compositores de sinfonias estranha, e os sapientes, inflexíveis críticos de Arte. Só os boémios que voltam das orgias, sentem a depuração dessa poesia, mais preferem à lira os beijos e o vinho; e a mulher da fava-rica, que é muito modesta, não dá por que o seu canto é poético; o padeiro e o leiteiro que vão pela manhãzinha reconfortar a vida, ignoram que são poetas, e as costureirinhas que são mais belas do que as princesas dos seus romances impossíveis; e os sapientes e dorminhocos críticos de Arte, junto com os diletantes que, a essa hora ainda estão, como êles, a "voltar-se para o outro lado", só consagram os literatos egrégios, os paisagistas e os compositores de sinfonias estranhas!

Aleixo Ribeiro.

(Fotos Carvalho Henriques)



Os primeiros vapores chegam às gares...



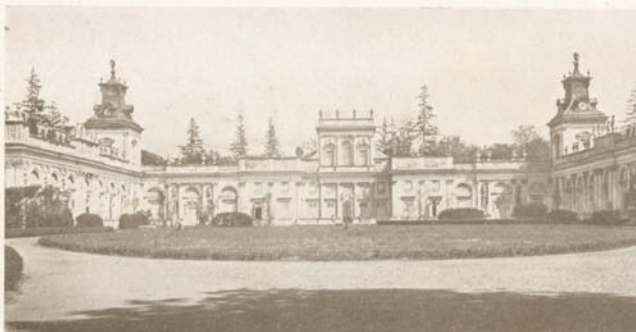
O gato vagabundo das ruas solitárias...



O quarto do rei, no Palácio de Wilanów, vendo-se a secretária oferecida ao rei Sobieski, pelo papa Inocência II



Selo comemorativo do 250.º aniversário da libertação de Viena, posto em circulação recentemente



Vista geral do palácio de Wilanów

"VENI, VIDI, DEUS VICIT" O aniversário da libertação de Viena de Austria

No dia 12 deste mês passou o 250.º aniversário da celebre victoria do rei polaco sobre Viena e que salvou todo o christianismo da inundação mahometana turca.

Em março de 1683 as importantes e poderosas tropas turcas, sob o comando do orgulhoso e ambicioso Vezyr Kara Mustafá, dirigiram-se de Adryanopol (Turquia) para o Imperio austriaco, que pretendiam destruir.

Em julho de 1683 as tropas turcas estavam sobre Viêna e alguns dias depois começaram a assaltar as portas da capital austriaca.

Toda a Europa cristã ficou assustada. Parecia que o christianismo estava em perigo.

O Imperador austriaco Leopoldo I, depois da primeira derrota das suas tropas, fugiu secretamente da capital, para pedir socorro ao rei da Polónia, cujo génio estratégico foi bem conhecido em todo o mundo. Os principes alemães ofereceram as suas tropas ao comando do rei polaco Jan Sobieski. O Nuncio Apostólico, mons. Pallavicini, também se associou a esse pedido para salvar o christianismo.

Então, o heroico rei, cheio de ardor cavalheiresco, e desejo de salvar o christianismo europeu, pelo seu próprio esforço, preparou as tropas polacas e sem esperar pelo auxilio das tropas lituanicas

e alemãs, dirigiu-se para Viêna, e associando-se com as tropas austriacas, conduziu a marcha para diversas localidades montanhosas, tendo sempre a seu cargo o comando das tropas.

Em 11 de setembro, era já noite, quando o rei deu ordem para mudar a posição, e marchando por outro lado, atacou energicamente o inimigo, que não estando preparado para esta surpresa, lhe caíra nas mãos!

Assim foi!

A marcha durará toda a noite e de madrugada, as tropas reais divididas em três alas, sob o comando pessoal do rei polaco, atacaram os turcos, que, assustados com a presença inesperada dos cristãos e sobretudo do rei, começaram a desorientar-se, perdendo as terras ganhas anteriormente.

O Vezyr Kara Mustafá, vendo-se cercado e sem salvação, começou a retirar o seu exercito das portas de Viêna, afim de por esta maneira procurar a salvação. Muitas armas e munições caíram nas mãos das tropas cristãs.

Graças ao heroismo e ao génio militar e estratégico do rei Sobieski a Europa cristã foi salva da invasão turca.

Logo no dia seguinte o rei Sobieski, escreveu da tenda do Vezyr Kara Mustafá ao Papa Inocência XI o seguinte: «Veni, vidi, — Deus vicit.»

Rita San.



A rainha Maria Casimira



O rei Jan Sobieski



Gravura representando a carga de cavalaria dada sobre Viena, sob o comando do rei polaco Jan Sobieski



Magnífica tela representando a entrada triunfal do rei Sobieski na cidade de Viena



O rei Sobieski libertando Viena

SEMPRE NOS convencemos que a vinda — ainda que lamentavelmente forçada — a Portugal de alguns dos mais iminentes homens do Brasil político e mental, deveria resultar proveitosa para o estreitamento das relações luso-brasileiras na base de um conhecimento reciproco, o unico que pode desfazer desconfianças e cimentar affectos.

Não nos enganámos.

Já poucos desses emigrados illustres se encontram entre nós, porque a maioria tem regressado contente aos seus lares, à sua Pátria.

E se é certo que o contentamento do regresso é grande, e não há quem o não compreenda e aplauda, o que é também verdade é que nenhum desses brasileiros na satisfação de revêr a sua terra e os seus, se esqueceu de falar de nós, do País irmão, onde devéras sentiram um affecto sincero a aconchega-los nas suas horas de saudade e desalento. E, porque nos conheceram enfim, porque puderam avaliar de perto os nossos sentimentos e os nossos progressos, ei-los a contar aos seus o que viram e admiraram — tão diferente daquilo que supunham e a dizer aos nossos que com eles vivem, como Portugal progride e é lindo e como se sabe honrar as tradições de hospitalidade.

Chegam-nos dia a dia os jornais brasileiros, onde os louvores á nossa terra e à nossa gente se registam em termos inflamados, impregnados da gratidão ainda fresca das horas boas que procurámos — no cumprimento de um dever, é certo — proporcionar áquelles que uma hora crepuscular da sua vida politica escolhe-



OS EMIGRADOS BRASILEIROS ESTÃO GRATOS A PORTUGAL

ram para exilio a terra do povo, irmão, mas mal conhecido.

São palavras de entusiástico enaltecimento, de singular, gratissima surpresa, de admiração sem limites pela acção e capacidade do povo que tanto representa na vida da sua Pátria, mas que tão mal compreendido era.

Agora mesmo, enviados por mão de camarada compatriota que sofre lá longe do doloroso mal da ausencia, acabo de receber vários cortes de jornais paulistas com a notícia e o resumo da brilhante conferência do dr. Percival de Oliveira, nosso illustre camarada de imprensa e antigo chefe de Policia, realisada no Clube

do mesmo entusiasmo, da mesma elevação de idéas, do mesmo requinte de forma, toda a conferência sobre Portugal, escutada religiosamente por um publico de elite nos vastos salões aristocráticos do Clube Português, e entrecortada muitas vêses por frenéticos aplausos.

Percival de Oliveira, figura romântica, com o brilho da sua palavra, fácil, prendeu durante uma hora os seus ouvintes, portugueses e brasileiros, irmanados no mesmo entusiasmo.

Nós que sabêmos, por experiência, quanto envaidece e conforta quando longe da Pátria, ouvir-se déla falar com louvor e enaltecimento, avaliámos o entusiasmo que dos nossos compatriotas, aliados aos brasileiros, puséram nos seus aplausos despertados por estas e outras palavras do illustre conferencista:

“Senhores portugueses; a vós, mais particularmente que os brasileiros:

Toda essa gente selecta, esses expoentes daquilo que São Paulo têm de melhor, e que hoje aqui está nesta casa, acreditar que, se veio, não foi para ouvir a palavra descolorida de quem vos fala — mas sim porque se falava de Portugal, porque todos em São Paulo querem bem Portugal. Foi a nossa pátria que aqui a trouxe».

Gastão de Bettencourt.



E cima: — A mesa que presidiu à conferência do sr. dr. Percival de Oliveira: da esquerda para a direita — Horácio Machado, dr. Pires do Rio, ex-perfeito de S. Paulo, dr. Vasco Perreira de Cunha, consul de Portugal, o conferente, Manuel Moraes Pontes, director da «Sociedade Vasco da Gama», e Agostinho Figueiredo, presidente do Clube Português. — Em baixo: — Aspecto geral do Salão Nobre do Clube Português durante a festa

A IV VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETE

O corredor Alfredo Trindade
do Sporting Club de Portugal

venceu
pela segunda vez
a grande
prova ciclista

CONCLUFÚ há uma semana a IV Volta a Portugal em bicicleta, prova que uma vez mais apaixonou durante três semanas a opinião pública nacional. Não são estas paginas lugar oportuno para comentar o aspecto moral de certas facetas dessa paixão, de como a aproveitaram alguns exploradores do esforço alheio, ou dela se serviram os habituais caluniadores dos que trabalham na causa publica.

À nossa revista interessa apenas uma análise geral da marcha da corrida, algumas evocações de peripecias que definam o ambiente característico da prova, reminiscencias arquivadas ao acaso dos factos durante os vinte e um dias que acompanhámos os valorosos peregrinos do desporto.

A impressão dominante no final do periplo, é do enorme entusiasmo que a passagem ou chegada dos ciclistas desperta na massa popular; as multidões que acorrem ao locais de final de etapa, a afluência de gente em todas as povoações atravessadas e até na berma das estradas, em pontos que pareciam distantes de qualquer habitação, deixam-nos pensativos sobre a importância do desporto como atractivo e agente de propaganda, uma importância infelizmente ainda não compreendida por quem deveria aproveitá-la, como elemento de utilidade publica. Nas mais humildes aldeias, nos povoados perdidos em serranias inhospitas de Traz-os-Montes, ou nas herdades isoladas em meio da planura alentejana, escaldada pelo sol, sem uma arvore a oferecer-lhe o beneficio de uma sombra, os habitantes acolhiam os corredores da Volta com alegria exuberante e um caminho traduzido nas mais simples atenções; uns ofereciam fruta, os cachos de uvas acabados de colher e tanto do gosto dos ciclistas, outros a malga com agua que, na impossibilidade de ser bebida, era lançada sobre o corpo dos rapazes numa abençoada ducha refrigerante.

Estes eram os verdadeiros intérpretes da alma popular, simples e bondosa, ignorante de cabálas e campanhas de tractores; para estes é organizada a Volta a Portugal, e o seu entusiasmo sincero e são, compensa largamente os esforços e dissabores de quantos trabalham desinteressadamente, na montagem da complicada arquitectura.



Alfredo Trindade, após ter terminado as cinco voltas ao Estádio, dirigiu-se para o balneario, acompanhado por Alfredo de Sousa e pelo maçagista do «Sporting»



A popularidade do campeão da IV Volta é mais sensível entre as senhoras. Na hora da partida, em Portalegre, o «homem da camisola amarela» viu-se rodeado de lindas raparigas, que lhe ofereceram um ramo de flores.

Alfredo Trindade, foi o herói da corrida, a figura idolatrada pela multidão caprichosa e volúvel, a mesma que há um ano só clamava e só incensava o nome de Nicolau.

Bastou a lamentavel desistencia do campeão nacional, na segunda etapa da corrida, para a opinião publica dêle se desviasse, colocando no altar da sua preferênça um novo deus.

Alfredo Trindade, alma portuguesissima de atleta energico e combativo, lutando com os musculos e com o cerebro, possui como poderoso elemento de simpatia no conceito do povo, a sua pequena estatura. Mais impressiona que o vencedor não seja um colosso, antes pareça dotado de escassas capacidades físicas.

Trindade, conquistou, ainda as boas graças femininas, e não cometei indiscrição grave, certificando a proveniencia de um correio volumoso que diariamente recebia das suas admiradoras de todo o país.

A camisola amarela era um atractivo irresistivel para alguns corações impressionaveis, e houve até quem seguisse o o rasto da caravana na miragem de alguns sorrisos do pequeno Trindade.

Valentim Afonso, minhoto dos quatro costados, começára mal a prova; 34.º em Santarem, 21.º em Sines, 31.º em Faro, 23.º em Beja, etc.

Com o passar dos dias a condição física foi melhorando e as suas classificações subiram de cotação: 8.º na Covilhã, 6.º em Vila Real, 3.º em Bragança, 6.º em Chaves, 8.º em Vigo.

O nosso Valentim portava-se como um valente, medindo forças com os melhores, experimentando aqui e além, quando encontrava uma subida mais severa, um dos seus célebres «arranções».

Era o que se chama um desmancha prazeres, nas horas em que o poletão se recolhia a uma calma soporífera, e a sua figura ossuda, tôda em arestas, destacava-se com freqüência na cabeça da caravana. A chegada de Vigo,

(Continua na página 22)



ASPECTOS GRÁFICOS DA IV VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

A travessia da Serra da Estrêla, com os seus penhascos, foi para os concorrentes um dos mais difíceis percursos a vencer, quer pelas violentas subidas, quer pelas rápidas descidas

Através de toda a etapa Covilhã-Viscu, os ciclistas encontraram sempre rica vegetação, árvores altaneiras, panoramas deslumbrantes e água corrente e abundante...

A caminho de Mangualde, os corredores tiveram de descer a Serra da Estrêla, descida que se fez vertiginosamente, a uma velocidade média de setenta à hora, apesar de ter grandes curvas e perigosas, pois que exigia grande cuidado no pedalar, uma segurança forte nos braços, sangue-frio e resistência

Entre as grandes e verdejantes matas florestais, a estrada que conduz a Manteigas é maravilhosa de encantos, onde a vista se pode espraizar a algumas dezenas de quilómetros

A estrada que leva ao cimo da Serra da Estrêla, é sempre traçada aos SS pronuncia-díssimos, onde há curvas apertadas e abismos insondáveis

ESTRADAS DA SERRA DA ESTRELA PERCORRIDAS PELOS CICLISTAS



Lindo instantâneo tirado numa curva em Castelo da Neiva, perto Porto-Vigo, quando ainda os corredores seguiam em petotão

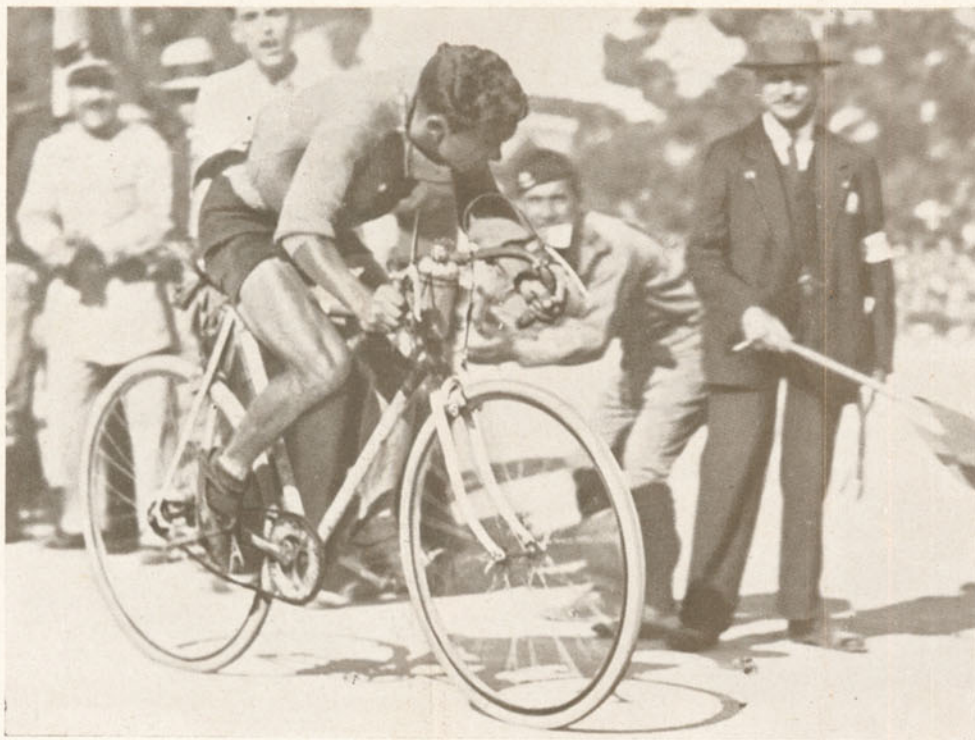
(Fotos Denagido e Antelo)



vítima do excessivo entusiasmo popular, o corredor minhoto Valentim Afonso deu uma queda, magoou-se nas ancas e num pé, e fômos dár com êle no vestiário, carpindo as suas máguas e falando em desistir no dia seguinte.

A noite aconselhou-o bem e, na manhã imediata, o homem alinhou com os restantes e abalou para Braga, através da sua província do Minho, num itinerário que atravessava exactamente a sua vila natal: Arcos de Valdevez.

Sucedeu, o que todos conhecem: aproveitando habilidosamente a presença de um carro de apoio, que fornecia uvas aos corredores do pelotão, Valentim passou-lhe pelo lado oposto e arrancou inergicamente pela ladeira acima. Os companheiros não voltaram a vê-lo até à hora do jantar. O corajoso fugitivo correu quasi até final na ignorância da sua posição relativa; só passado Guimarães, quando o automóvel que nos conduzia se chegou a êle para lhe fornecer água e uvas, o informámos de que trazia uns quatro minutos de avanço.



Alfredo Trindade corta a meta do Estádio, depois de ter percorrido 2.531 quilómetros em 9 h. 10 m. e 22 s., ou seja a uma média horária de 27 quilómetros e 165 metros

Valentim, mal ouviu estas palavras, já nem quis comer as uvas que lhe entregáramos, devolveu-nos o cacho, e fir-



Santos Duarte, que entrou em quarto lugar no Lumiar, foi o quarto da classificação geral tendo levado mais 2 h. 7 m. e 11 s., em todo o percurso, do que Alfredo Trindade

mando as mãos nos punhos do guiador, a cabeça descida entre os ombros, olhar fixo na fita branca da estrada, acelerou a mecânica possante das bielas e partiu á conquista de uma vitória que nenhuma objecção pode minorar.

*
* * *

Trindade, vence pela segunda vez a Volta a Portugal, contando ainda um segundo lugar na II prova organizada.

Em 1932, bateu Nicolau, segundo classificado, por 3 m. 8 s. e êste ano, Ezequiel

Lino, também seu competidor imediato, por 43 m. 1 s.

A diferença de tempo do primeiro ao quinto foi no ano passado de 4 h. 45 m. 25 s., e agora apenas de 2 h. 13 m. 39 s.; em contrapartida, o décimo de 1933 gastou mais 11 m. e 54 s. do que o seu predecessor.

Os tempos totais de Trindade são de 91 h. 31 m. 38 s. e 93 h. 10 m. 22 s., o que significa uma demora de mais 1 h. 48 m. 44 s. na Volta que acaba de terminar e cujo percurso era ligeiramente superior e

mais difícil do que o antecedente.

O último em 1932, foi João Silvestre em 112 h. 49 m. 38 s. e êste ano, António Contente apenas em 101 h. 22.

Na III Volta partiram 52 homens e concluíram 29; na IV Volta dêram a largada apenas 44, terminando o percurso 22.

Finalmente, a quilometragem total da corrida, depois de rectificada, é de 2.531, dando como média global ao vencedor, 27,165 quilómetros por hora.

Salazar Carreira.

(Fotos Denis Salgado e Antêlo).



Ezequiel Lino, é o segundo corredor a entrar na meta do Lumiar e conseguiu alcançar o segundo lugar na classificação geral, com uma diferença do vencedor de 43 m. e 1 s.



O corredor «vermelho» César Luiz, terceiro na etapa Leiria-Lisboa, foi também terceiro da classificação geral, tendo feito o percurso em mais 1 h. 7 m. e 12 s. do que o vencedor

Hugo Rocha



ENTRE OS jornalistas que acompanharam o ministro das colónias na sua longa viagem por África, conta-se o nosso colega português Hugo Rocha. Do que viu, do que observou, deu conta ao seu jornal—*O Comércio do Porto*— e agora juntou em volume essas crónicas africanas do Atlântico ao Índico escritas, sob o sol ardente das nossas possessões. Intitulou a obra «Bayette»—grito bárbaro dos negros do oriente africano, grito de saudação e grito de guerra. É um excelente documentário das regiões que atravessou e que descreve com pitoresco, colorido e observação.

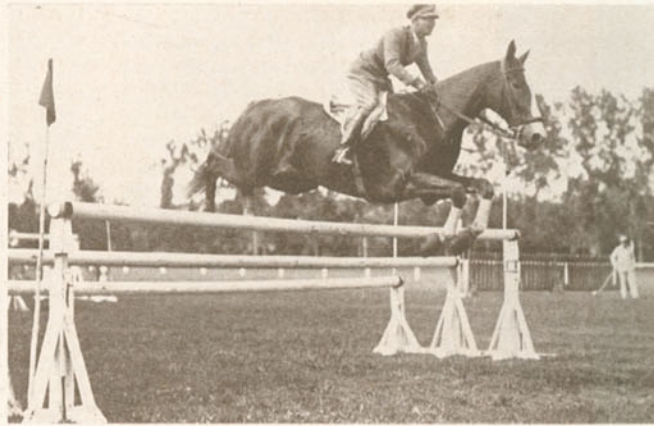
José Osório d'Oliveira



OSÓRIO d'Oliveira—escritor de nome—vae brevemente ao Brasil, como enviado do *Diário de Notícias*, realizar algumas conferências sobre coisas portuguesas. Leva também a missão de entrevistar algumas das altas individualidades brasileiras. Acompanha-o sua esposa, a ilustre artista-cantora lírica sr.^a D. Raquel Bastos, que dará concertos de música clássica, divulgando ao mesmo tempo a música portuguesa.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Os nossos cavaleiros lá fora



ENTRE OS cavaleiros portugueses, que no estrangeiro melhor têm representado Portugal, conta-se o tenente Mena e Silva. No «Whisky»—cavalo que pertenceu ao falecido tenente MORAIS Sarmento—ganhou no Concurso Internacional de Nice o «Prix de l'Élevage» e o de «Regularité des Coupes des Nations», no de Madrid alcançou a «Taça d'Ouro da Península» e a «Copa da Disputation» no da Corunha.

A «Ilustração» publicará no proximo número, entre outra valiosa e escolhida colaboração, um interessante artigo da autoria de Emidio Garcia intitulado:

Revelações sobre um convite dos Sovietes à bailarina Isadora Duncan

Choque de dois combóios no Cacém

NA estação do Cacém deu-se, na madrugada do dia 2, um violento choque de dois combóios de mercadorias, em que ficaram—como se vê nas gravuras que publicamos abaixo—alguns vagons completamente destruídos. O embate das duas máquinas ouviu-se em todo o Cacém. O estrondo foi enorme. As locomotivas ficaram muito avariadas e dez vagons descarrilaram, ficando alguns completamente destruídos e os restantes mais ou menos danificados, tomando cada um dos veículos as mais variadas posições.

As mercadorias que os dois combóios transportavam, espalharam-se pela via, ficando parte delas inutilizadas. Enormes blocos de pedra, que faziam parte da carga, foram também arremessados à linha. A via, nalguns pontos, ficou torcida e as travessas feitas em estilhas.

Os socorros não se fizeram esperar, pois minutos depois, chegavam ao local do desastre o material das estações de Campolide e de Santa Apolónia e um troço de 200 ferroviários.

Vários funcionários superiores da C. P. foram ali proceder a averiguações sobre as causas do desastre. E apuraram que ele foi devido ao facto de o combóio 2 206, tripulado pelo maquinista José da Costa e fogueiro Mário Agostinho, ter-se adelantado na sua marcha nove minutos, pois que, da estação do Sabugo até ao Cacém, devia levar 20 minutos e não 11. Parece também que o peso do combóio, 17 vagões arrastando 221 toneladas, impeliu a máquina para uma grande velocidade.

Bastos Guerra



COM um título cinematográfico: «Cem por cento falado» escreveu um livro de contos humorísticos o sr. Bastos Guerra. O índice diz-nos que são três as espécies de narrativas: «Não geográficas», «Quasi geográficas» e «Geográficas». A sua leitura trouxe-nos momentos de agrado espiritual e fez-nos sorrir. Foi esse, julgamos, o intuito do autor. Consegue-o, pois, que realmente tem páginas de verdadeira graça, de boa graça portuguesa.

Eduardo P. de Andrade



ESTEVE algum tempo entre nós e partiu há dias no «Cap-Arcona» para Buenos Aires, onde vae reassumir as suas funções, o consul de Portugal naquela cidade sr. Eduardo Pereira de Andrade, que na capital argentina conta numerosas simpatias, não só pelas suas qualidades de caracter como pelo trato afável e sempre pronto a coadjuvar todas as obras de engrandecimento do nome do seu país.





Os selvagens apoderam-se da jovem exploradora, que oferecem a Kong, o monstro pré-diluviano

ENTRE os filmes que serão exibidos no decorrer da presente época destaca-se «King-Kong», um filme que tem o direito de ser aguardado com excepcional interesse pelo grande número de atrações que contém.

Realizou-o Merian C. Cooper, em cuja imaginação nasceu a idéia principal do filme que o grande escritor Edgar Wallace completou pouco antes de morrer, transformando-a numa emocionante novela fantástica.

Propôs-se Cooper exceder os resultados obtidos em «Mundo Perdido» o extraordinário filme da fauna pré-histórica baseado na novela de Edgar Poë que a «Ilustração» há anos publicou.

Conta o realizador de «King-Kong» que a sua idéia lhe ocorreu sob a forma dum monstro dotado de gigantesca força aterrorizando uma cidade. Mil incidentes tomaram vulto na sua imaginação. Via as multidões tomadas de pânico ante a aproximação da fera pré-diluviana; todas as forças da cidade mobilizadas contra ela; a luta monstruosa que se seguia; Kong, empoleirado no alto dum «arranha-céus» defendendo-se com desespero dos ataques da aviação e dotado da força tão descomunal que lhe permitia arrojá-lo no espaço como se fossem cascas de ovo.

Escolheu Cooper para colaborador o seu colega Schoedsack, com quem realizara já «Chang» e «As quatro penas». Auxiliados por O'Brien, especialista em questões pré-diluvianas, fixaram o tipo do monstro que participa a um tempo do aspecto animal e dum homem.

Para realizar a fantástica visão de Cooper eram necessários artificios da cinematogra-

CINEMA

“King-Kong” — filme fantástico

fia. Assim se fez. Sobreposições, emprêgo de pequenos modelos de monstros, todos os variados trucs que a técnica actual permite, tiveram a sua aplicação.

O resultado é o fantástico transportado ao écran, tornado realidade na superfície fugidia de luzes e sombras.

Não é nossa intenção relatar aqui, sobre essa surpreendente visão cinematográfica, pormenores que, por essencialmente cinegráficos, só podem perder com o facto de serem transcritos em palavras.

Para que se forme uma idéa que mais aguçar a curiosidade do leitor basta que se diga que o monstro é descoberto no seu refugio por uma expedição de brancos, de que faz parte uma rapariga. Os selvagens conseguem capturar esta última e oferecem-na com sacrifício a Kong, o monstro que habita um recanto perdido do globo onde vive no mundo pré-histórico.

Kong prende-se por singular sentimento de ternura à jovem exploradora para quem se mostra dócil seguindo-a até à cidade onde decorrem todas as suas desventuras.

Enrico Caruso, filho do tenor de fama mundial, vai estrear-se no cinema. Deve tomar parte na realização do filme «Stage Mother», para o que tem sido submetido a diversos ensaios de canto em Hollywood.

«A Viuva Alegre», vai ser mais uma vez posta em cena. Maurice Chevalier toma parte na interpretação deste filme que a «Metro» vai realizar e, pela primeira vez, contracenará com a célebre «estréla» Joan Crawford.



Kong é exibido entre o público requintado duma grande cidade

A escolha de John Gilbert para interpretar o principal papel a par de Greta Garbo é devida, segundo se diz, a esta última.

Greta entende que deve grande parte dos seus primeiros êxitos em Hollywood ao precioso auxílio que recebeu de John Gilbert que era nesse tempo, artista de muito maior fama do que ela.

Isto levou-a a insistir na escolha do célebre autor e os seus desejos foram satisfeitos. Greta desobriga-se assim duma dívida de gratidão.

A vida da infeliz rainha de França, Maria Antonieta, vai ser o assunto dum dos próximos filmes da «Metro». Irving Thalberg, director desta poderosa empresa e marido de Norma Shearer, supervisionará esta produção.

O conhecido artista alemão, dr. Arnold Franck, que já tomou parte na realização duma grande série de filmes sobre alpinismo, trabalha agora, num drama sobre a primeira ascensão ao Monte Branco que Jacques Balmot realizou em 1786. Para esse fim, Franck e os seus companheiros estão instalados há mais de um mês nas imediações do altíssimo cume dos Alpes.

Já no último número noticiámos que Primo Carnera se ia estrear no cinema. A dificuldade para os produtores consiste em escolher para ele um papel conveniente.

Pensou-se, primeiro, em realizar «Sansão e Dalila». Mas Carnera, à semelhança de todos os *boxeurs* usa a cabeça rapada o que prejudicaria o episódio dos cabelos de Sansão, origem da sua força. Arranjar uma cabeleira que sirva na sua cabeça de gigante não é ambém tarefa fácil.

Alguém lembrou o papel de Porthos em «Os três mosqueteiros». Mas a ideia foi logo abandonada porque perguntando-se a Carnera se conhecia Alexandre Dumas, este respondeu:

— Bem sei. É um campeão francês de «pesados»...

Estuda-se agora a criação dum papel de gigante pré-histórico, da idade da pedra lascada, que caça as mais temíveis feras manejando apenas uma pesada maça de sílex. Os produtores estão convencidos ser esse o papel que mais lhe convém.

De tudo isto se conclue afinal que não é fácil encontrar aplicação para o talento dum «boxeur» muito embora ele tenha já imposto a sua celebridade por meio dos seus punhos hercúleos.

CINEMA

Mae West — uma nova “estrela”

O aparecimento duma verdadeira «estrela» é muito menos freqüente do que, em geral, se supõe.

Surgem, é certo, de tempos a tempos, novos nomes a que um tanto ao acaso se dá a designação de «estrelas». Na verdade, são apenas atrizes elevadas por momentos acima do nível vulgar e que estão condenadas a desaparecer depois duma carreira efêmera.

É que para ser «estrela» não basta alguma beleza, certo talento histriónico e a boa-vontade duma empresa poderosa. Estes três factores são sem dúvida poderosos, mas não dispensam um outro que caracteriza as verdadeiras artistas e que se chama *personalidade*.

Emissários dos grandes industriais percorrem de tempos a tempos o Mundo à procura de novas «estrelas». Muitas vezes são iludidos por uma beleza deslumbrante ou faculdades interpretativas notáveis. Mas a mulher bela ou a actriz inteligente não serão nunca verdadeiras «estrelas» se não possuírem uma personalidade forte e distinta que as assinala na multidão dos artistas de cinema.

Pois bem. Surgiu mais uma «estrela». Atrevemo-nos a dizer uma verdadeira «estrela» que, como tantas outras terá o seu apogeu e chegará ao esquecimento, mas que está, em nossa opinião, destinada a marcar uma época no cinema actual.

Chama-se Mae West e pelo retrato que, a seguir, pretendemos esboçar avaliará o leitor as razões que nos levam a pensar assim.

Mae West é por enquanto um nome quasi desconhecido em Portugal. Na América, contudo, a sua popularidade é enorme. A tal ponto que lhe é quasi impossível sair durante o dia, para não se expôr a manifestações de entusiasmo exuberante da parte dos seus admiradores.

Nasceu em Nova York e é filha dum antigo campeão de *box* e duma actriz. Muito nova ainda, acompanhou os pais em *tournees* pelos diversos Estados da América. Introduzida no ambiente dos espectáculos, dedicou-se ao teatro logo que lhe foi possível começar a luta pela existência. Ocupou lugares humildes nos coros de operetas e revistas. As suas qualidades acharam maneira de se revelar. E assim foi fazendo lenta ascensão dentro da atmosfera ingrata dos palcos de Nova York.

Duma invulgar inteligência, tomou um dia a audaciosa decisão de escrever uma peça teatral. Tinha apenas vinte e dois anos e era mulher. Ninguém arriscaria nada por tão temerária empresa. Mas ela, cheia de confiança em si própria, nada receou. Escreveu a peça, financiou a montagem com as suas economias e interpretou o principal papel. O resultado deixou surpresos os mais optimistas. Revelou-se, simultaneamente, como grande actriz e escritora teatral

de muito mérito. Foi-lhe feita uma autêntica consagração. E para que se veja que não exageramos, basta dizer que essa peça, que teve o audacioso título de «Sexo», se manteve em cena num teatro de Nova York durante dois anos e meio, sem interrupção.

Este feliz resultado e as fortes compensações financeiras que lhe trouxe animaram-na a prosseguir nessa difícil actividade. De então para cá, Mae West só representou em Nova York peças da sua autoria. Algumas delas fizeram história nos anais do teatro norte-americano. A sua audácia e irreverência tornaram-se tradicionais. O seu nome passou a ser, para os frequentadores de teatro de Nova York, sinónimo de sensação ou escândalo. E o facto de terem sido proibidas pela Polícia duas das suas peças mais vigorosas, em que certos costumes da sociedade *yankee* são satirizados, mais contribuiu para consolidar o seu prestígio. Em princípios do ano passado, Mae West decidiu escrever um romance. Extraiu o assunto duma das suas peças. Chama-se «Diamond Lil» e é considerado nos Estados Unidos como um dos maiores êxitos de livreria dos últimos tempos.

A circunstância, absolutamente rara, de ser autora e intérprete das suas obras — o que dum certo modo a aproxima do grande Jean Sarmant — bastaria para lhe dar lugar de relevo no ambiente teatral da América do Norte. Mas, à parte isso, Mae West é uma actriz dotada de personalidade distinta e representada, no cinema como no teatro, um tipo tão definido como original.

Criou um novo género de *vamp* que apresenta enormes diferenças, tanto no físico como no espírito, com os modelos consagrados. Em vez



Mae West, a grande actriz americana que é também autora teatral consagrada

dum corpo quasi rectilíneo, duma inocência aparente e duma ostensiva frieza, Mae West apresenta-nos o tipo de mulher opulenta, cheia de malícia e graça. Um pintor mexicano não hesitou em classificá-la de o mais formoso exemplar feminino produzido pela raça norte-americana. E justamente porque se afasta de todos os géneros consagrados, o seu triunfo não deixará de exercer enorme influência no futuro do cinema.

O cinema atraiu esta singular artista. A *Paramount*, que há muito esperava a oportunidade de obter a sua colaboração, ofereceu-lhe um papel num dos seus filmes. Mae West leu-o e não lhe agradou. Levou-o para casa e escreveu-o de novo. Assim começou a sua carreira cinematográfica em que os êxitos se contam pelo número de filmes produzidos.

Todos os filmes de Mae West são pois da sua autoria ou modificados por ela no sentido que mais lhe parece convir à sua personalidade. Todos eles versam também os problemas da moderna sociedade americana cujos vícios Mae West satirisa e cuja sinceridade exalta.

Por este facto Mae West não é uma figura vulgar no cinema. A sua curiosa personalidade literária assegura-lhe um lugar único entre os artistas cinematográficos. Ela é mais do que um lindo corpo animado pela vontade do realizador — é uma interprete que pensa e anima na tela as suas próprias ideias.

Porque se trata duma das mais originais artistas do cinema e do teatro norte-americanos, fazemos votos por que os seus filmes não deixem de ser exibidos nos cinemas portugueses.



Cary Grant e Mae West numa cena do filme «She done him wrong»

PARECE que um dos divertimentos mais apreciados pela humanidade é ter medo, quando tudo lhe garante que a sua segurança não corre perigo.

Só assim se explica o êxito que alcançam sempre os grandes filmes de terror. O arripio de susto que se segue ao inesperado abrir duma porta, o frémito que sacode a assistência quando sobre os actores pesa a terrível ameaça dum poder imenso e ignorado, tudo isso parece ser especialmente apropriado para agradar ao público de todas as classes.

É raro, na verdade, que um filme que enverede por esse género não obtenha lisonjeiros êxitos. Com a condição de não descair no ridículo. E nisso está a grande dificuldade porque do grã-guinhol à farsa vai curta distância e o equilíbrio é fácil de romper.

Entre os grandes filmes de horror que têm sido exibidos entre nós, aquêles que mais vezes é recordado, justamente porque mais funda foi a sensação produzida, é sem dúvida «O médico e o monstro». Êste filme, inspirado na obra estranha de Stevenson, é na realidade das mais admiráveis obras do género que conhecemos. Mesmo se abstrairmos da incomparável interpretação de Frederico March, encontraremos ainda neste filme, sobejo motivo para assim o considerarmos. Poucos são os filmes em que um argumento fantástico obtenha tão completa expressão. A história da dupla existência desse homem que uma reacção química transforma num monstro, conduz o espectador da primeira à última cena sob o domínio de intensa emoção.

«Frankenstein», que foi exibido pouco mais tarde não reúne já tão grandes qualidades. Falta-lhe a sutileza que Rouben Mamoulian, digno discípulo da boa escola alemã, soube imprimir a «O Médico e o monstro». Daí os seus deslises numerosos, o episódio truculento e desgostante.

Foi mais fértil o cinema silencioso neste género de produções. Em especial, o cinema alemão que definiu as normas do género depois desses filmes cheios de originalidade que são «O doutor Caligari» e «A morte cansada».

Os americanos nunca possuíram a mesma delicada intuição do terror. Os seus filmes são, portanto, pesados e o ambiente de horror é obtido à custa de processos ingénios, quasi grosseiros. Mesmo assim, encontram-se na sua produção, alguns filmes dignos de referência. Entre outros «O fantasma da Opera», que o saudoso Lon Chaney interpretou e é uma obra prima de emoção.

O fonocinema pouco progresso trouxe a este género de películas que, embora atraindo os realizadores pela perspectiva de êxito, os ameaça com o perigoso escolho do ridículo. Por isso além de «Frankenstein» e «O médico e o monstro» poucos mais filmes de valor se contavam há algum tempo utilizando os novos recursos da palavra e do som na obtenção de efeitos de terror. Feyder, na América, realizou uma honesta tentativa com o «Espectro Verde», filme de fakirs, de aparições e de fantasmas, que não conseguia, contudo, atingir completamente, o seu objectivo.

CINEMA

FILMES DE TERROR



Grace Bradley, uma beleza com o mínimo de artifício

Ultimamente, porém, deu-se no mercado mundial do cinema, uma verdadeira invasão de filmes grã-guinhoscos. Utilizando os grandes recursos de Boris Karloff, o criador de «Frankenstein», outros filmes do mesmo género se prepararam, entre os quais «A múmia», sombria história dum egípcio embalsamado que volta à vida.

Entre muitos outros que poderíamos citar, queremos destacar esse filme original terrível que é «A ilha do doutor Moreau».

Baseia-se esta produção num romance do grande escritor inglês H. G. Wells. É uma história extraordinária e terrível que merece ser contada num breve resumo.

Estamos no alto mar. Um barco encontra no seu caminho os despojos dum naufrágio sobre os quais luta desesperadamente com as ondas um homem que está prestes a desfalecer. Esse homem chama-se Parker.

Sobre a coberta do barco que recolheu o naufrago viaja uma colecção de feras enjauladas

ao cuidado de alguns homens de aspecto estranho e bestial. Esses homens são habitantes da ilha do doutor Moreau a quem as feras vão destinadas. Ao chegar o navio à referida ilha, Parker é desembarcado e levado à presença do doutor Moreau. Êste é um sábio antropólogo e biólogo

eminente que comprou aquela ilha e nela se instalou para realizar terríveis experiências cujo fim é transformar certos animais em seres humanos. Para conseguir os seus fins, o singular doutor submete as suas vítimas às mais cruéis operações.

O doutor Moreau recebe Parker de má vontade, mas dá-lhe trabalho como seu ajudante. Parker vive assim algum tempo nesse ambiente de horror entre seres monstruosos tiranizados pelo diabólico sábio.

Entretanto este conseguiu transformar uma pantera numa mulher, e essa mulher é Lota que se apaixonou perdidamente por Parker. Êste porém não cede a essa paixão monstruosa, preso da recordação da noiva que deixou no seu país, a qual por sua vez, conseguiu averiguar o paradeiro do naufrago e vai reunir-se com êle na ilha trágica. No momento em que aí chega, os animais com aparência humana recobram os seus instintos e uma confusão enorme se espalha por toda a ilha. As feras feitas homens lutam umas contra as outras e matam o doutor Moreau.

Parker e sua noiva correm terrível risco. Mas Lota, a mulher-pantera, faz frente às outras feras que pretendem atacar o seu apaixonado.

Ferida na luta, acaba por morrer, mas dando tempo a que Parker e sua noiva consigam embarcar e abandonar para sempre a ilha maldita.

Sobre este fantástico argumento se realizou o filme que, no dizer dos críticos estrangeiros, é uma obra impressionante e de arrebatador interesse.

Outro merecimento tem ainda este filme — o de ter servido à revelação duma estrêla de novo género: a mulher-pantera.

Para este singular papel foi escolhida Kathleen Burke, eleita entre sessenta mil concorrentes que aspiravam a interpretar esse papel.

Ao realizar-se o concurso pretendia-se encontrar a mulher cujo rôsto tivesse uma expressão felina mais acentuada. Kathleen Burke, que até esse momento desempenhara o modesto lugar de ajudante dum dentista foi a concorrente laureada.

A excelente interpretação que deu ao seu difícil papel levou os produtores a pensar em utilizá-la como novo género de vamp para o que o seu tipo de beleza felina parece especialmente indicá-la.

Kathleen continuará assim a aterrorizar as multidões com a exibição da sua beleza feroz.

E o seu êxito parece certo porque o medo e, depois do amor, o mais forte sentimento humano.

A COSTA DO SOL DESPORTIVA



Torneio de espada. — Nas Termas do Estoril efectuou-se um Torneio Internacional de Esgrima. Presidiram ao júri o mestre de armas Carlos Gonçalves e o conhecido atirador Mário de Noronha, fazendo também parte d'ele a sr.^ª D. Cattia Andrade. Na gravura que publicamos, além do júri vêem-se os seguintes esgrimistas: Carlos Dias, João Gouveia, Manuel Frederico Pressler, José Veiga Ventura, Francisco de Sousa Uva, Manuel de Alarcão, Manuel de Foronda, José Olivais, Eduardo Ferreira de Castro e Jorge Paiva, que ficou classificado em primeiro lugar.

As regatas de Cascais. — Organizadas pela Associação Naval de Lisboa e sobre o patrocínio da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol realizaram-se regatas na baía de Cascais, que alcançaram desusado brilhantismo, disputando-se as várias provas com evidente entusiasmo e curiosidade da assistência, que era numerosa. Dias depois, no Casino do Estoril, fez-se a distribuição de prémios aos vencedores, como se vê na gravura que publicamos à direita.



«Ginkana» de actrizes. — No Estoril houve há dias uma animada «ginkana» de actrizes. A praia oferecia um aspecto curioso, pela aglomeração de pessoas no desejo de ver as *vedettes* e *girls* dos nossos teatros. Erico Braga foi o organizador. Nas provas de corrida, que decorreram com grande entusiasmo, saiu vencedora a gentil actriz Virginia Soler — um dos melhores valores do teatro ligeiro. Houve também luta de tracção entre homens e mulheres, que provocou comentários alegres.





Num circo:
 — O macaco que fala não pode trabalhar no espectáculo de hoje.
 — Porquê?
 — Porque o ventríloquo está doente.

Em casa duma bruxa:
 — Seu marido será alto, elegante e bonito.
 — Bravo. E o que hei-de eu fazer ao que tenho agora?

A senhora: — Parece impossível! Deixar o gato comer o canário.
A criada: — O que parecia impossível é que o canário comesse o gato.

— Para que levas êsse nó no lenço?
 — Para lembrar à minha mulher que me pergunte se me esqueci alguma coisa que ela me disse para lhe lembrar.

O visinho de baixo queixou-se ao visinho de cima de que era impossível dormir com o barulho que o filho fazia chorando tôda a noite.

Então o visinho de cima disse à mulher que cantasse para o pequeno adormecer.

E o visinho de baixo começou a gritar:

— Deixem chorar a criança... deixem chorar a criança.

O pai ao filho mais velho:
 — O que fizeste com os cinco escudos que eu te dei para partires o tambor do teu irmão?

— Comprei outro tambor.

A mulher: — Eu adoro o campo.
O marido: — E eu adoro o mar.
A mulher: — A água não é precisa para nada.

O marido: — Não digas tolices. Se não houvesse água, como é que as pessoas

havam de aprender a nadar? E se as pessoas não soubessem nadar, calcula lá quantas morreriam afogadas?

— Estive quasi a arranjar um emprêgo de um conto de réis por mês e um mês de férias em cada ano.

— E porque não o arranjaste?
 — Porque queria começar no mês das férias.

A senhora, ajustando a criada:
 — E a menina é trabalhadeira?
 — Nem a senhora faz ideia. Na casa donde saí fazia as camas antes que as pessoas se levantassem.

Entre ciclistas:
 — Já dei quatro vezes a volta a Portugal.
 — E ficaste vencedor?
 — Não, fiquei tonto.

A mãe: — Júlio, o pequeno bebeu o específico para fazer crescer o cabelo. Achas que o obrigue a ingerir um vomitório?

O pai: — É melhor obrigá-lo a ingerir um barbeiro.

Na Sociedade Protectora dos Animais:
O director: — Sinto muito a sua desgraça, mas esta Sociedade só fornece alimento para os animais.

O mendigo: — Mas é que eu tenho a bicha solitária.

— Porque deixaste de ser canteiro?
 — Porque tinha pedras no rim.
 — E agora porque saíste da Companhia das Águas?
 — Porque estou com gôta.

Num hospital:
O enfermeiro: — O senhor doutor ontem enganou-se e cortou a perna ao doente que tinha o tumor na orelha.

O doutor: — Não faz mal. Hoje corto a orelha ao que tem o tumor na perna.

Em casa do architecto:
 — A casa com rez-do-chão e primeiro andar custa-lhe quarenta contos.
 — É muito cara. Faça-a só com o primeiro andar.

Entre namorados:
 — E em que pensas quando não tens nada em que pensar?
 — Penso em ti, meu amor.

A senhora à lavadeira:
 — Então você mete-me na conta a lavagem da camisa que me perdeu.
 — É que a perdi depois de a ter lavado.

— Em que se parecem um cão e um gato, com um indivíduo que mora em Braga e outro que mora em Évora?
 — Em que não se podem ver.

— Estou convencido de que a minha Amélia me é infiel.
 — As aparências enganam.
 — Então não tenhas dúvidas; a Amélia é uma aparência.

— Porque é que dás sempre corda ao relógio antes de te sentares à mesa?
 — Porque o médico me recomendou que fizesse exercício antes de comer.

Numa taberna:
 — Para que apertas a gravata com tôda a força depois de beberes um copo de vinho?
 — É para êle não me subir à cabeça.

— Acabo de ouvir um pianista que só tem uma mão.
 — Isso não é nada. Eu já ouvi uma vez um tenor que não tinha voz.

O pescador — Lino Ferreira.

A VIDA AVENTUROSA DUM DANÇARINO PORTUGUÊS

O espírito de aventura é qualidade dominante na nossa raça de há longos séculos. E por isso também a que melhor fala à nossa sensibilidade e inteligência.

Admiramos o estoico e o herói. Mas só compreendemos bem o que vive uma existência animada de aventuras e imprevistos. Para esse vai a maior parte da nossa simpatia e da nossa homenagem.

Foi a sede de aventuras, mais do que a ambição de riquezas, que fez de Portugal um povo de descobridores. E hoje, que poucos recantos restam já por explorar, muitos são ainda os portugueses que por terras distantes consomem existências acidentadas pelas mais extraordinárias aventuras.

Viriato Bette Henriques é um desses originais campeões da aventura e a história pormenorizada da sua vida formaria um extenso e emocionante romance.

Nasceu em Lisboa em 1897 e conta hoje, portanto, 37 anos. Desde muito novo que mostrou excepcionais aptidões para a dança. Dêle se pode dizer que ensaiou os primeiros passos animado já da intuição que havia de fazer dêle um bailarino internacional.

Foi educado em Londres onde frequentou os melhores cursos de dança. Tão notáveis eram as suas disposições para a arte coreográfica que um professor inglês célebre, Spinosa, o notou entre uma classe de cerca de 300 alunos, laureando muito justamente as suas faculdades artísticas.

Aos 18 anos empregou-se no Transvaal. Na companhia de Renée Collard, estreou-se como bailarino na cidade do Cabo, percorrendo depois em triunfo todos os grandes centros da África do Sul.

Tendo-lhe morrido seu pai em Nova Gôa, partiu para a Índia onde se consagrou ao estudo das danças indústânicas. Avançou depois no sentido do Oriente e chegou a Singapura onde foi ferido durante uma revolta que agitou a região. Tinha 27 anos quando regressou a Lisboa, já de posse duma admirável soma de conhecimentos artísticos. Com justiça se pode afirmar que foi êle o introdutor da rítmica em Portugal. Foi professor de dança no Lisboa Gimnásio Club onde leccionou classes muito numerosas. Apresentou no Coliseu um curso de 80 alunos que é o maior até hoje reunido.

Dois anos apenas se demorou na Pátria. Ardía nêlo o desejo de novas aventuras. Daqui partiu para Espanha onde se exibiu juntamente com duas *partenaires*, Ivonne Bartels e Seroz. Correu depois o sul da França, em todas estas regiões sendo muito apreciado.

No ano seguinte percorreu a América do Sul,

tendo estado na Argentina, no Chile e no Peru. Neste último país encontra nova *partenaire* em Margarida de Lamotte e com ela segue para o Panamá. Mas logo em Havana escolhe nova colaboradora, a canadense Blanche, com quem se apresenta pouco tempo depois em Nova York.

Era preciso que o mérito artístico de Bette Henriques fôsse evidente para conseguir triunfar num meio como o de Nova York. Mas assim sucedeu. O público da grande cidade norte-americana não lhe regateou aplausos.

Em Boston, o dançarino português une-se a outra *partenaire*: Peggy Macdonald. É então que trava conhecimento com o famoso chefe de *gangsters* Al Capone que o contrata para director artístico dos seus *cabarets* em Chicago.

O seu triunfo chega aos ouvidos de Paul Whiteman, o célebre «rei do jazz», que lhe dirige um lisongeiro convite para trabalhar em conjunto. Bette Henriques recusa, por estar ainda preso por um contrato com o «Colosimo's» de Al Capone, cuja duração é de dez meses.

Há pouco tempo, Bette Henriques tomou parte no filme «Sambie» destinado à Exposição de Chicago. Actualmente é director do Club Miramar, o maior estabelecimento do género na zona sul de Chicago.

Tem por *partenaire*, Adrienne Gordon, «miss» Chicago 1930. Possui uma banda privativa de doze músicos e três bailarinas, formando, assim, uma verdadeira companhia de

variedades. O seu êxito é tanto mais notável quanto é certo verificar-se em plena crise num país onde o número de artistas que não encontram ocupação se conta por milhares.

Muito embora as suas ocupações não lhe permitam de momento vir ao nosso país, Bette Henriques não deixa por isso de acalantar o íntimo desejo de re-



Bette Henriques e a sua «partenaire» Adrienne Gordon

gressar à pátria. Sabemos que tem intenção de submeter à apreciação do público português a sua arte de grande bailarino que tantos êxitos lhe conquistou lá fóra. E estamos certos de que o nosso público saberá fazer justiça ao seu mérito e ao seu incontestável patriotismo que o tem feito manter sempre com orgulho através de tão aventureira existência a sua nacionalidade de português.

Vivendo uma existência animada de mil sacrifícios, lutando pela fama em longes terras, Bette Henriques é um dos tipos mais característicos da nossa raça, numa época em que as melhores virtudes desta parecem entorpecidas. O espírito de aventura que o levou a correr a África, a Índia, a América de extremo a extremo, é como que uma sobrevivência atávica do maravilhoso instinto que no século XVI levou um punhado de portugueses a cruzarem oceanos e continentes desconhecidos.

Bom sinal será — que nos parece — que esse impulso vital de aventura e expansão continue a manifestar-se isoladamente. Isso significa afinal que as energias da raça não estão perdidas mas que jazem apenas sem utilização e só esperam por quem as chame para mais altos destinos.

Bette Henriques, herói original do romance de aventuras é, no fim de contas, a realização viva dum sonho que todos nós mais ou menos sonhamos — correr terras distantes, triunfar e continuar preso a êste recanto do glôbo por sólidas afeições.

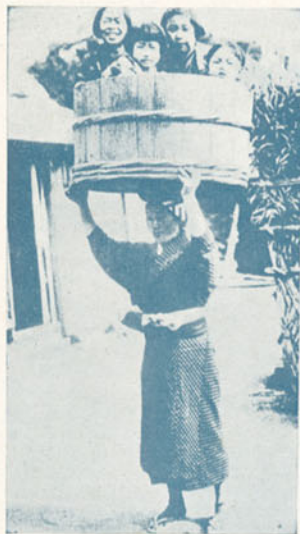


Bette Henriques



A orquestra de Bette Henriques com suas bailarinas

Com os filhos á cabeça...



A cem quilômetros de Toquio, as mulheres japonezas — na sua maioria dedicam-se ao mistér de lavadeiras — quando voltam do trabalho trazem os filhos dentro duma cêlha. E' uma maneira pratica de os transportar, mas quando são ainda pequeninos...

Irmãs siamesas que dançam...



As irmãs Hilton — inglesas de nascença — são artistas de variedades. Dansam, cantam e tocam varios instrumentos. Nas horas vagas, fazem «sport». São bonitas. A natureza juntou-as, como se vê na gravura, mas nem por isso elas deixam de gosar a vida o melhor que pôdem, embora sempre unidas...

A graça alheia



— O QUE SIGNIFICA ESSE NÓ ?
— FOI A MINHA MÃE QUE O FEZ PARA EU ME NÃO ESQUECER DE DEITAR A CARTA NO CORREIO.
— JÁ A DEITASTE ?
— NÃO. ELA ESQUECEU-SE DE M'A DAR.

PELO MUNDO FÓRA

Um concurso de «pantorrillas» em Madrid



EM Espanha há a mania do concurso. Os de beleza sucedem-se. Agora, para variar, fez-se um concurso de «pantorrillas», ou seja — diz o dicionário espanhol — «da parte posterior, más carnosa y abultada de la pierna». Nas «Fiestas del Carmen», em Chamberi, foi um delírio. Nada menos de cento e vinte raparigas concorrerem. Todas estiveram de «pernas ao léo» perante o júri... O primeiro prémio foi um lindo «manton», como não podia deixar de ser...

Desaparece a prisão de S. Lazaro em Paris



A velha prisão de S. Lazaro, da capital francesa — de tão sinistras tradições — onde eram recolhidas as mulheres que praticavam delitos criminaes, vai desaparecer. O antigo casarão do faubourg Saint-Denis está sendo demolido para ser rasgada uma avenida.

O mais pequeno órgão do mundo



Com destino a um hotel de Londres, construiu-se um minuscuro órgão, que funciona como qualquer dos grandes. Tem tôdas as notas e nêle se pode tocar seja que música fór.
O seu organista é o mesmo do da igreja de Langhan, famoso pelos concertos que dá. Na gravura vê-se o construtor e o artista.

Um concurso original



O semanario *Estampa*, de Madrid, organizou novamente este ano o «Concurso de Vestidos de 4 pesetas». Concorreram duzentas e cincoenta raparigas. Obteve o primeiro premio a menina Angeles Viñas, que gastou na sua *toilette* apenas 3,90 pesetas.

Candidata á presidencia...



A Republica de Andorra — onde pela primeira vez se efectuaram, há dias, eleições para deputados — vai eleger, em breve, o seu chefe de Estado. E' candidata á Presidência uma rapariga de vinte e um ano, que já foi actriz em Budapest, e que é das mais bonitas mulheres de Andorra. Eil-a, com a mãe, ao volante do seu automovel.

A graça alheia



— AS MISHAS CALÇAS, ONDE ESTÃO AS MISHAS CALÇAS ?
— MADAME DIETRICH JÁ SAIU E TALVEZ...

O bigode maior do mundo



NUMA exposição norte-americana de artigos de perfumaria ha um stand que têm chamado a atenção do publico. Está guardando a porta um homem de turbante e portador dum hiperbolico bigode - talvez o maior do mundo. Exibe-o, puxando-lhe pelas pontas.

Artistas de circo



EM pleno Londres, reclamando o seu numero de circo, andam os irmãos Bloand, em elevadas andas. Causam sensação as suas calças, dum exagerado tamanho e bem vincadas. Com aquelas «pernas» é-lhes impossivel entrar em qualquer veiculo, a não ser nos carros que têm assentos no teto. Mesmo assim é um problema a colocação das «pernas»...

A graça alheia



— MAMÃ, AINDA ESTÁS A TEMPO DE TROCAR. QUERIAS UM HAPAZ, NÃO É VERDADE? DÁ CÁ A ETIQUETA, QUE EU VOU À LOJA, COM A CRIANÇA, E FAÇO A TROCA.

PELO MUNDO FÓRA

A morte trágica do marquês De Pinedo



QUANDO ia levantar vôo para a travessia do Atlântico, com rumo à Índia, a fim de bater o «record» mundial de distância em linha recta — «record» em poder dos aviadores franceses Codos e Rossi — foi vítima dum desastre o grande aviador italiano marquês De Pinedo. O aparelho, logo que se pôs em marcha, e mal tinha percorrido 600 metros, chocou com uma das barreiras de vedação do aerodromo de Floyd Benett, de New-York, voltou-se e incendiou-se. De Pinedo, ainda poudé saltar fóra da carlinga, mas foi envolvido pelas chamas, ficando completamente carbonizado.

Um tufão passou por Berlim...



Um tufão passou há dias pelo centro da Alemanha. Uma das cidades onde mais se fez sentir foi Berlim. Numa das ruas dos arredores, a intensidade e a velocidade do vento foram tão grandes, que derrubaram árvores séculares. Duas delas, caíram sobre uns automóveis onde os seus passageiros, milagrosamente nada sofreram, a não ser o susto.

Na puritana Londres...



EM Hyde-Park, já passeia como se está vendo na gravura, uma senhora, pelo braço do marido, exibindo as costas completamente nuas. O puritanismo britânico fecha os olhos a estes «escandalos» — assim classificados há vinte anos. É pena não se poder ver o feitiço do vestido — vestido é como quem diz — pela parte da frente. Julgamos ter mais fazenda.

Um «émulo» de Gerbault



O pintor Morie émulo do conhecido Alain Gerbault — atravessou o Atlântico, a bordo dum pequeno barco. Sózinho, fez a travessia em 29 dias, tendo chegado a New-York onde foi muito felicitado pelas altas entidades navais e desportivas.

A graça alheia



— ISTO ASSIM NÃO PODE CONTINUAR. ANTE-ONTEM ENTRASTE ONTEM; ONTEM, SÓ ENTRAS HOJE... E ESTA NOITE PROVAVELMENTE SÓ ENTRARÁS AMANHÃ... BASTA! VAI PARA ONDE ESTIVESTE!

Festas de caridade

«EM SINTRA»

Com uma enorme e selecta concorrência realçou-se no magnífico campo de jogos da Portela, em Sintra, uma «Ginkana automobilista» de caridade, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, havendo várias peripécias, que despertaram na selecta assistência, que enchia o vasto recinto das caieiras, franca hilaridade.

O «recinto do chá» em uma baraca artística, oferecia um aspecto verdadeiramente encantador.

Na assistência viam-se tudo que de melhor se encontra em Cascais, Estoril, Sintra e arredores, devendo a comissão organizadora estar plenamente satisfeita dos resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

«NO MONT'ESTORIL»

A festa anual da Casa de Trabalho de Santo António do Estoril, realizou-se no salão de festas do Casino Internacional do Mont'Estoril, e constou dum interessante sarau, em que tomaram parte além de varios artistas varias crianças pertencentes à nossa primeira sociedade, que se exibiram em número de canto e dança. Compunham a comissão organizadora as sr.^{as}: D. Alice de Sousa Melo, D. Ana Laboreiro de Mira Mendes, condessa de Murça, condessa de Peniche, condessa de Vil'Alva, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Helena Gameiro Leitão de Barros, D. Josefina de Arbués Moreira e D. Maria Leonor Barroso Ribeiro Madureira. Terminado o sarau, que agradou extraordinariamente, houve serviço de «chá» vindo em redor das pequenas mesas, espalhadas não só pelo salão de festa, como no vasto terraço, tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante, de Cascais, Estoril, Sintra e Lisboa.

«NO ESTORIL»

Organizada por uma comissão de gentis crianças de ambos os sexos, realizou-se na tarde de quarta feira 13 do corrente na Explanada Tamariz, no Estoril, uma interessante «Ginkana Infantil» de caridade, cujo producto se destina a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo António e dos Preventórios para crianças pobres filhos de tuberculosos, que decorreu com grande animação e alegria, como succede, sempre em festas de miudos.

A comissão organizadora, era composta das meninas Adelaide Guedes, Helena Brazão de Somer, Helena de Sousa e Holstein Beck (Povoia), Maria Adelaide de Somer de Andrade, Maria Amélia Moraes de los Rios Froes, Maria Beatriz da Câmara Ferreira, Maria da Conceição Benjamin Pinto Gonçalves, Maria da Conceição de Vilhena de Sousa Rego, Maria Eugénia da Câmara Pinto Basto, Maria de Lourdes Torre do Vale, Maria Luísa Soto Maior Pinto Basto, Maria Rita Moraes de los Rios de Castro, Maria do Sagrado Coração de Jesus, Maria de Sousa Holstein Beck (Povoia), e os meninos António Borges Coutinho (Praia e Monforte), António Corrêa de Sampaio de Castelo Branco, António de Somer de Melo (Murça), João Eduardo Soares de Albergaria Burnay, José Lobo de Melo e Castro (Galveas), Luís Guedes, Manuel Guilherme de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), Pedro José de Melo Mendes da Silva e Salvador Beck Corrêa de Sá (Asseca).

A «Ginkana» constou de corridas de bichos, de sacos, de bicicletas, de três pernas, saltos em altura e concurso de bichos mascarados.

Em recinto especial, houve também animadas partidas de «Mah-jong», de «Bridge» e de «Bluff». Festas como estas honram sobremaneira, quem a leva a efeito, pela fôrma como estava organizada.

Jantares

O sr. marquez de Faria, ofereceu em honra do sr. Eduardo Pereira de Andrade, que embar-

VIDA
ELEGANTE

Os noivos — sr.^a D. Maria del Carmen Elias Nuñez e o sr. dr. António Figueira Rego — no dia do seu casamento realizado na cidade de Turjillo

cou para Buenos Aires, onde vai reassumir o cargo de consul de Portugal, na capital da Argentina, na sua elegante residência, á avenida Júlio Diniz, ao Campo Pequeno, um jantar que decorreu sempre no meio da maior animação, e ao qual assistiram além do homenageado, o sr. dr. Jorge Santos e D. Maria Ignês Carmona Santos, viscondessa de Silveiras, Capitão António José Ivaro da Silva e Costa e D. Cesaltina Amélia da Silva Carmona e Costa, tenente Mário Álvaro de Carvalho Nunes e D. Maria Adelaide Daum e Lorena de Carvalho Nunes.

—No Metrópole, onde esteve hospedado, ofereceu na véspera da sua partida para Buenos Aires, a bordo do paquete «Cap Arcona», onde vae ocupar o cargo de consul de Portugal, nessa cidade, o sr. Eduardo Pereira de Andrade, tendo sido convivas: dr. Jorge Santos e D. Maria Ignês Carmona Santos, marquez de Faria, Júlio Brandão Pais e D. Julieta de Vasconcelos Brandão Pais, dr. Leandro Camacho, dr. António Santos, dr. Carmo Santos, Luis de Portugal Santos, Mourão de Vasconcelos e Raul Camacho.

O sr. Eduardo Pereira de Andrade, teve ocasião de mais uma vez pôr em destaque pela fôrma como recebeu os seus convidados, as fidalgas qualidades de caracter.

Casamentos

No dia 28 do mês passado efectuou-se o casamento da sr.^a D. Maria del Carmen Elias Nuñez com o sr. dr. António Figueira Rego, médico e cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisboa,

recentemente nomeado para os serviços de cirurgia em Timór. A noiva é filha do sr. Henrique Elias de Peñã e da sr.^a D. Soledad Nuñez de Elias (Orellana), pertencente à histórica família dos marquezes de la Conquista e directamente aparentada com as casas mais ilustres da aristocracia espanhola. O noivo, é filho do ilustre cirurgião sr. dr. Balbino Rêgo, estimadíssimo nas novas gerações médicas e alia à sua competência profissional os mais belos dotes de caracter. A cerimónia realizou-se na histórica cidade de Turjillo, no palacete da família, sendo padrinhos dos noivos o ilustre escritor sr. Joaquim Leitão e a sr.^a D. Amélia de Abreu e Lima Tavares Cardoso Leitão. Os noivos partiram para Timór.

—Realizou-se na paroquial de Nossa Senhora das Mercês, o casamento da sr.^a D. Maria Barbosa de Matos Chaves, gentil filha da sr.^a D. Margarida Barbosa de Meireles e do sr. dr. Fernando de Matos Chaves, com o sr. Salvador Supardo Coelho de Jesus, filho da sr.^a D. Engrácia Supardo Coelho de Jesus e do sr. António Bento Coelho de Jesus.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Berta Leitão Pacheco e padrinhos o pai da noiva e o sr. José Coelho Pacheco.

Terminado o acto religioso, foi servido um finíssimo lanche.

—Em Oeiras, realizou-se na igreja de Nossa Senhora da Purificação, o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição da Camara d'Orey, interessante filha da sr.^a D. Mariana da Câmara d'Orey e do sr. Luiz de Albuquerque d'Orey, com o sr. Fernando Rolim Seabra Pereira, filho da sr.^a D. Paula Maria Rolim Seabra Pereira do sr. Manuel Seabra Pereira.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria José Camara Braga e Senhora de Alb Lourtie, e de padrinhos os srs. Vasco de Albuquerque d'Orey e Alb Lourtie.

Finda a cerimónia, que foi celebrada pelo reverendo Manuel Sabino Marques, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

—Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Fernanda de Oliveira Garção Cardoso Tavares, interessante filha da sr.^a D. Laura de Oliveira Garção Cardoso Tavares e do sr. António Cardoso Tavares, com o sr. Carlos Orenro Lopes, filho da sr.^a D. Maria Luísa Lopes e do sr. Francisco Estelete Lopes. Foram madrinhas as sr.^{as} D. Lucinda da Conceição Pereira Graça e D. Alice de Oliveira Garção Carvalho Campelo de Andrade e padrinhos os srs. Alberto Graça e o coronel Rodrigues de Sá, 2.^o comandante da Guarda Nacional Republicana.

Terminada a cerimónia religiosa, que foi celebrada pelo reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocação, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Palace do Bussaco.

—Realizou-se na capela do Sagrado Coração de Jesus, á rua Renato Baptista, o casamento da sr.^a D. Mercia Eugénia Vital de Lemos, gentil filha da sr.^a D. Mercia Carvalho Santos Vital de Lemos, e do sr. Manuel da Silveira de Lemos, com o sr. Anibal Alçada de Paiva, filho da sr.^a D. Rita Mouraco Alçada de Paiva e do sr. Francisco de Paiva Tavares.

Serviram de padrinhos por parte da noiva o sr. Vasco de Sampaio Castelo Branco e sua esposa, a sr.^a D. Ana Luíza Castelo Branco e por parte do noivo seus pais e o sr. dr. Antonio Lopes da Costa Alçada de Paiva e sua esposa, a sr.^a D. Fernanda Martins de Figueiredo Alçada, que se fizeram representar, respectivamente pelo sr. dr. Francisco Avelar Maia de Loureiro e pela mãe da noiva.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido um finíssimo «lunch» na elegante residência dos pais da noiva, recebendo os noivos grande numero de artisticas prendas.

VIDA FEMININA

des ao ver passar certas figurinhas gentis eu pensei que devia ser assim na antiga Grécia da beleza e da Arte.

Maria de Eça.

Modas

A elegancia na «toilette» feminina é cada vez mais notável e quando se viaja, e, se vêm os centros de grande elegancia como Paris e Londres. Nós temos a noção de que a mulher, cada vez cuida com mais interesse da sua apparencia, da sua beleza e, nunca a moda favoreceu tanto o encanto da mulher, como o faz actualmente. Há vestidos para todas as estaturas, para todas os idades e a linha moderna dos vestidos, desenha bem nitidamente a graça das formas. A linha da mulher ainda que continue a ser esbelta e duma fragilidade, que chega a ser surpreendente, não é já o que era há anos atrás, que era o que os ingleses chamam «Nusedex» de tal maneira o corpo duma mulher se aproximava ao dum rapaz de 17 anos. Agora já assim não é. A mulher ainda que delgada e fina tem formas femininas, e, essa marcada tendencia da nova moda, muito favorece o aspéto da mulher moderna e elegante. Damos hoje algumas gravuras que bem claramente o demonstram. Uma delas «miss». Primorose Saltd, que fez este ano o seu debute na cõrte e na alta sociedade inglesa, e, que é uma das mais lindas raparigas, que este ano foram apresentadas, usa com suprema distincção um vestido em «crêpe» mate branco. O decôte que mostra bem a elegancia das suas formas, é duma grande originalidade e o grande laço que orna o vestido, dá-lhe um aspéto totalmente diferente do que até aqui se via, fazendo com que a esbelta figura de «miss.» Primorose tome o aspéto cheio de ancas que há muito não se via. É interessante e para notar este pequeno detalhe.

As blusas estão de novo em moda, e sobretudo a blusa em setim, está tomando um importantissimo papel na «toilette» da mulher de hoje.

«Mrs.» Deenar, que foi também este ano apresentada na cõrte inglesa e que é uma das mais interessantes mulheres da sociedade elegante, apresenta-nos uma lindissima blusa em setim branco, com uma gola originalissima e que está agora muito em moda, e umas mangas modernas. Esta blusa usada com uma saia de setim preto, faz uma encantadora «toilette d'après midi» e tem a vantagem, sendo usada com um vestido «tailleur» de poder ser levada de manhã ou para uma saída simples a compras ou passeio. A blusa volta a ser um elemento importantissimo, na indumentária feminina, o que bem se compreende, pelas combinações a que se presta e que fazem com que a mulher exhiba a sua fantasia, sendo ao mesmo tempo extremamente economica. Para os vestidos mais simples, volta a estar imensamente em moda o «jersey» que nos ultimos anos tinha decaído do favor feminino. Um vestido de «jersey» têm a maior utilidade, porque é pratico e é bonito. Damos hoje um elegantissimo modelo da casa Debenham and Freebady, uma das mais elegantes de Londres. E' em cõr de cravo e tem essa linda linha descaída nos hombros, que dá á mulher uma profunda elegancia, que vem dos tempos do romantismo, quando era moda os hombros des-



provas de inimitável graça, lança o vestido de praia e de banho de sol. Um vestido sem costas, seguro por uma lindo colar em fantasia e que abotôa de alto abaixo, atraz ou ao lado, ligeiramente curto. É elegante, é pratico, é gracioso e muito mais gentil é o gesto da mulher que tira o seu vestido de praia para ficar em «maillot» para o seu banho de sol ou de mar, do que o horrível gesto daquela que tira as calças do pijama ou as veste. A francesa tem mais do que qualquer outra mulher o sentido gracioso dum gesto, a sensibilidade para o que pode prejudicar a sua linha senhoril e distinta duma incomparável feminilidade.

E deixem-me dizer-lhes que o «trottoir» nada perdeu com a mudança de «toilettes». A exagerada elegancia da há anos fica bem na cidade. Mas na praia, ao ar livre, nessas lindas tardes em que o sol adormece ao longe e o mar azul, suave, marulha contra as rochas, e os lindos macissos de hortensias que enfeitam a encosta revivem do cansaço que o sol lhes causou, as mulheres são mais belas e estão mais em harmonia com o ambiente nos seus simples e leves vestidos de praia, do que dantes com as suas complicadas «toilettes». Agora triunfa a verdadeira beleza, aquela que vem da perfeição das formas e não aquela que é feita pelas modistas à força de habilidade e enchumaços. E algumas tar-

BIARRITZ, Agósto de 1933. O entusiasmo pela vida ao ar livre, cada vez mais se manifesta, e é interessante ver como a humanidade, decadente e doentia, tem reagido nos últimos tempos, dedicando-se aos desportos, aos banhos de sol, à vida natural e sem artificios. A primeira vez que vim a Biarritz, há 14 anos, o «trottoir» que circunda a praia, em frente do Casino Municipal, era à tarde uma exposição de elegancias.

As mais deliciosas «toilettes» eram exibidas pelas mais belas mulheres. Artistas em voga, belezas profissionais, lançavam a moda dos vestidos, dos chapéus, do calçado. Hoje está tudo diferente. A multidão que se aglomera à hora elegante na praia e no «trottoir» reduziu ao mínimo a preocupação da «toilette», e podemos bem dizer que, à hora do banho, não estamos longe da parra de Adão e Eva. Há mesmo artigos de indumentária, como as meias por exemplo, que são completamente abolidos. Costas nuas, braços nus, pernas nuas, é o que se vê hoje em Biarritz, mas o que não posso deixar de confessar também, é que esses homens e essas mulheres que hoje enchem a linda praia, têm um ar de vida e saúde que, há 14 anos, não se notava. Peles bronzeadas, em que a «maquillage» quasi não pega, braços e pernas musculados, fazem-nos compreender qual a razão porque a humanidade, cansada e exgotada pelas privações da Grande Guerra, se lançou com loucura e sofreguidão no desporto e no naturismo, que a fazem reviver em saúde e em força. Não será talvez necessário exagerar tanto a nudez; no entanto vê-se que a vida satutar, sem preocupações de «toilette», ao menos uma vez por ano, durante um ou dois meses, tem conseguido modificar o aspecto extenuado e fraco que as elegantes «toilettes» de 1919 encobriam. De elegancias, minhas senhoras, não lhes posso falar detalhadamente porque aqui o que se discute é o tom mais ou menos carregado que as peles vão tomando, e o doloroso da «coup de soleil» que nalgumas peles delicadas faz horribéis chagas. Mas esse sofrimento não faz desanimar as que chegam, e que com verdadeiro denodo se expõem, sem medo, a ver os mesmos estragos, que vemos em lindas espáduas e braços. Sobre elegancia apenas lhes posso dizer que o pijama está perdendo terreno de dia para dia, junto da mulher francesa. O pijama tende a desaparecer e nada se perde com isso.

São raras as mulheres a quem êle fica bem. Prejudica as baixas e as muito altas, as gordas e as magras, e só às mulheres de estatura mediana e de formas idealmente proporcionadas, êle fica bem. O que não admira, porque a essas mulheres tudo fica bem. A mulher francesa, com o seu sentido inactivo de «coquetismo» e de saber o que deve usar e o que a torna mais bela, não é uma adepta do pijama. Usou-o ao princípio, por novidade, por capricho, para mostrar à americana que o lançou, que ela também o usaria com «charme». Mas agora que deu as suas



caí-
dos.

Têm um encaixe em pontas abertas, dum delicado trabalho que dá ao vestido uma extraordinária leveza e graça, que o tornam delicioso.

O chapéu é sempre uma das preocupações da mulher o que bem se compreende, porque não pôde de maneira nenhuma haver uma «toilette» elegante se não fôr completada por um chapéu elegante e verdadeiramente «assorti» ao vestido para «toilette». Damos hoje um lindo modelo em setim zenana, que é a grande moda guarnecido, com uma linda «aigrette» branca e um gracioso véu, que preserva os interessantes caracteres do penteado, de que igualmente damos a gravura. Decididamente as «Étan crop» já não existem e para as senhoras que não gostam de se vêr com as tufadas cabeleiras de caracões, e que preferem uma graciosa e pequenina cabeça, é este o penteado feminino, que reúne as duas exigências. Os caracões da moda e uma cabeça pequenina e modesta.

De mulher para mulher

Elegante: Quem lhe disse isso não a enganou nada. É considerado tão pouco distinto em Inglaterra, como uma senhora extremamente pintada, e, como tem de ir agora para lá, procure evitar o exagero, que aliás não é distinto em parte nenhuma.

Borboleta: Sabe que para uma mulher não é bonito o pseudónimo que escolheu? E demais a mais parece-me que se coaduna com o seu feitio. A mulher não deve ser borboleta, deve ao contrário ser firme nos seus afetos. É claro que se disse a um rapaz que lhe aceitava a côrte, que lhe fica mal flirter com outro. É uma leviandade.

Julietta: Nas praias estrangeiras é quasi uma praxe o banho. Aqui é segundo a praia e o que vir que fazem as outras. Do momento que não quer como diz ser criticada tem de se sujeitar ao que os outros fazem. É a única maneira de o evitar.

Uma cidade limpa

QUEM está em Viena de Austria nos dias de festa e passeie nas margens do velho Danubio e nas suas infinitas ramificações, ou suba

e se interne sob as verdes sombras do próximo Wienewallet encontrará milhares de pessoas que se banham nos estabelecimentos públicos ou privados, ou nas águas livres despindo-se ao ar livre abrigado apenas por um arbusto. As estatísticas provam que este ano nos estabelecimentos públicos, se têm banhado quasi doze milhões de pessoas. Desta maneira, apura-se que cada vicenise visitou pelo menos seis vezes por ano o estabelecimento de banhos. Mas não foi sempre assim. Até à metade do século passado, o banho era considerado em Viena um luxo reservado só aos ricos. Povo e burguesia não se permitiam esse requinte. Na antiga Viadolano, os romanos tinham construido estabelecimentos balneares segundo os modelos de Roma. Mas durante o período das emigrações dos povos e das invasões, foram destruidos. Só na Edade Média pouco a pouco foram aparecendo os chamados «Badestuben» que pertenciam uns a profissionais chamados «Bader» parte aos conventos ou a ricos burgueses. Enquanto no século XIV havia ainda em Viena 29 «Badestuben» depois da guerra dos trinta anos, o número desceu a onze e no ano de 1794 contavam-se apenas sete. Banhos ao ar livre no verão não existiam até ao reinado de Maria Teresa, porque antes banhar-se no Danubio e nas outras águas era um crime castigado com prisão. Em 1887 construiu-se o grande balneario Diana seguido por outros dois estabelecimentos um para homens e outro para mulheres. Hoje quarenta e seis anos passados, a cidade de Viena possui 58 estabelecimentos públicos além dum enorme número de banhos ao ar livre para as crianças. Dêstes estabelecimentos o maior e o melhor é o Amalien Bad que pôde receber mil e trezentas pessoas de cada vez e que este ano tem sido frequentado por mais dum milhão de pessoas. Este sistema dos banhos ao ar livre contribui para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da raça.

Uma amorosa

DALGUNS documentos publicados por Madame Paillerian, vê-se como foi triste a o destino de Paulina de Montmorin, condessa de Beaumont, que foi a inspiradora de Chateaubriand, que lhe chamava a sua «andorinha». Era filha dum ministro de Luís XVI e descendia duma illustre família do Auvergne. Tinha casado com o conde François de Beaumont, quando rebentou a revolução. Delicada, fina, tímida é extraordinário como pôde resistir àquela tragédia. Abandonada pelo marido, Paulina viu no mesmo dia, morrer na guilhotina, o pai que adorava, a mãe, um irmão e uma irmã endoidecer, ela foi salva por milagre por um camponês, que a recolheu em sua casa. Foi consolada pelo filósofo Loubert, comovido com tanta desgraça. Mais tarde em 1800 êle agrupou em volta dela uma

sociedade de pessoas nobres e cultas. Um dia, veio fazer parte do cenáculo um jovem emigrado, que tinha entrado em França, com um nome falso. Tinha trinta e dois anos, uma linda cabeça e amava as letras. Tinha viajado e sofrido. Paulina tinha a mesma idade. Era sedutora e também tinha sofrido. Ela chamou-lhe o «corvo», êle a «andorinha». O «corvo» era François René de Chateaubriand. Amaram-se e ela foi a sua inspiradora quando escreveu o «Génio do Cristianismo». Paulina foi aenas feliz seis meses, durante os quais no pequeno eremitério de Lavigny pôde servir e adorar o homem que amava, e que a conduzia, ela tão modesta, à imortalidade.

O grande sucesso de «Atala» e do «Génio do Cristianismo» chamaram sobre Chateaubriand a atenção da sociedade mais elegante do Império, e, Madame Custin muito célebre atraíu-o à sua órbita. Em 1802 por conselho dela, pediu e obteve o lugar de primeiro secretário da Embaixada de França em Itália. Em 1803 Paulina de Beaumont ou a sombra do que ela tinha sido, veio juntar-se-lhe em Roma. Devorada pela tísica tinha tentado em vão tratar-se. De resto não amava a vida persuadida que Chateaubriand a não amava já e que somente desejava desembaraçar-se dela. Êle procurou convencê-la de que se enganava e ela morreu feliz, entrevendo que a sua recordação seria mais amada do que a sua pessoa. Chateaubriand mandou-lhe construir um lindo túmulo, onde ela repousa para sempre.

Uma biblioteca

REALIZOU-SE há tempo a venda, em Paris, no «Hotel Drouot», da biblioteca do livreiro Eduardo Rahir, que morreu em 1924. Rahir tinha tornado a sua biblioteca uma das maiores e mais célebres do mundo. Tinha acumulado para o seu jôgo pessoal maravilhas excepcionais, inverosímeis riquezas em livros, desenhos e gravuras antigas. O primeiro leilão que durou dez dias constou de livros impecáveis dos séculos XV e XVI de proveniência histórica e encadernados segundo o estilo da época. Os volumes que foram mais bem pagos, foram o «Apocalipse», «A paixão de Jesus» e a «Vida da Virgem», ilustrados, de desenhos gravados em madeira, assinados por Albert Durer. Foram vendi-



dos por 440.000 francos. A «Divina Comédia», de Dante, editada em Veneza, em 1544 e encadernada em marroquim branco, por ordem de Henrique II e Diana de Poitiers, foi paga por 155.000 francos e 200.000 o «Orlando Furioso», quatro volumes ilustrados e encadernados em marroquim vermelho adornado de rendas; o «Teatro de Corneille», 58 000 francos e as «Cartas de Bussy Rabotin a Maria Antonieta», 35.000 francos; volumes de autores do passado, não tão raros, foram vendidos a 25.000 e 80.000 francos. O primeiro dia de venda rendeu três milhões de francos.

O Jôgo

Não é somente o que atrai no verão a multidão à «Côte d'Azur», que cada ano é maior. Pode bem dizer-se sem exagero, que Nice tem agora duas estações por ano a: de inverno e a estação dos banhos de mar, que se prolonga até ao fim de setembro. Mas não é somente a beleza da paisagem e o encanto do mar e do sol que dão ao corpo essa linda côr de barro cozido que levam até essa encantadora costa, a gente que a enche. Existe uma atracção mais poderosa para o público de devotos e de fiéis; a das salas de jôgo. O viajante que pela primeira vez as visita não lhes encontra essa animação pitoresca, que esperava. De toda aquela gente que se senta em torno das mesas das salas de jôgo, eleva-se um murmúrio indistinto, como o dum exame de abelhas, dominado pelas vozes dos «croupiers», que pronunciavam as formulas rituais. Todos pareciam hipnotizados e perguntamos a nós próprios o que os prende nas salas de Monte Carlo e de Nice quando fóra estão as montanhas, o mar, as magnificas florestas, nas quais o sol expande sobre um luminoso tapete verde as moedas de ouro dum inexaurível fortuna.

Duas paixões dominam ali: a avidez do jôgo e o medo. Chegam decidem-se e jogam. Combate violento, que exige as mais variadas virtudes. É ali que se vêem os aspectos característicos das diversas nações. Os contrastes são eloquentes. O francês é eloquente e exprime a sua desilusão com gestos nervosos, o seu triunfo com exclamações sonoras. O inglês cala-se se ganha e se perde vai-se embora. O alemão taciturno, com os olhos defendidos pelos óculos, consulta livros de notas, sussurra números. A espanhola graciosa e faladora deixa cair as fichas das suas

mãos morenas, como flores. A russa está inquieta, não se pode sentar um momento, joga em várias mesas ao mesmo tempo, e ganha ou perde, quantias enormes, sem que se altere a expressão do rosto místico. Todas as raças se misturam na ância do ganho sem esforço. A mora! de tudo isto formulou-a Sacha Guitry no titulo de uma graciosa comédia: «Ninguém joga para se divertir».

As cidades e as flores

NADA há que mais embelese uma cidade, do que as flores. Uma cidade com jardins parques e flores, é sempre uma cidade bonita, sobretudo se tiver as janelas e varandas floridas, o que torna encantadoras as fachadas dos edificios. Este ano a Sociedade de Horticultura de Lyon, organizou sob os auspícios da municipalidade, um concurso de janelas e varandas floridas, desde o mês de maio ao mês de setembro. Entre nós seria interessantissimo que se desse um perpétuo concurso deste genero. Na nossa capital onde há flores todo o ano que belo não seria vêr as janelas guarnecidas de flores, um concurso de beleza e de elegância que tornaria a velha cidade numa «coquette» moderna, graciosa e bela. E o prémio seria um estímulo, que animaria os habitantes a tornarem as suas janelas pequenos jardins aéreos. Este sistema é muito usado, nos paizes onde as flores são amadas e nas cidades que gostam de ser belas e de ter um aspecto fresco e florido. Como Lisboa seria linda assim adornada.

Uma escritora

UMA das mais interessantes figuras da literatura feminina francesa é a de Madame Juliette Adam-Lambert. Ao lado da velha e severa Abadia de Gif, no val de Chevreuse, surge uma graciosa vila, toda florida, onde passa parte do ano a ilustre e veneranda escritora, que nasceu em 6 de outubro de 1836 e mantém ainda intacta a sua frescura intelectual e a sua profunda memória. Nesta época, a pequena estação de Gif vê chegar comboios cheios de homens de Estado, diplomatas, escritores e gente da sociedade, que vão ali guiados pela amizade e pela saudade, e não faltam os jovens literatos atraídos pela graça requintada da grande escritora francesa. Na entrada, Madame Adam, recebe os seus hóspedes sorridente e com o seu claro olhar onde se reflete ainda uma grande luz interior. No Jardim da Abadia os convidados espalham-se nas lindas ruas, para se reunir em seguida no salão da vila. Nenhum programa solene. Os grupos formam-se a seu bel-prazer e segundo a sua fantasia. Todos correm quando fiel a uma velha tradição, a dona da casa bate as palmas, para chamar actores e espectadores para uma charada improvisada em que ela recita um papel. As suas grandes paixões foram sempre as letras e o patriotismo. Aos doze anos era chefe dum partido político, no colégio onde foi educada e partici-



pava de alma e coração dos sentimentos patrióticos de

48. Durante trinta e cinco anos o seu espirito esteve inflamado pelas teorias idealistas, que seu pai lhe tinha ensinado. O amor pelo seu país manifesta-o nas interessantes memórias, que escreveu antes e depois de 1870. Um dos seus mais belos volumes é «Chrétien» onde manifesta a sua fé. Na sua longa vida teve relações com todos os literatos ilustres, de Jorge Sand a quem chamava a sua madrinha literária a Victor Hugo, que lhe escrevia cartas cordiais. Em 1879 fundou «La Nouvelle Revue» onde publicou as suas famosas cartas sobre política, que ainda hoje tem interesse. Apesar da sua avançada idade, quasi 97 anos, continua a trabalhar e muitas noites até às duas horas da manhã, à pálida luz dum candeeiro de petróleo, porque tem horror à electricidade. Aos amigos, que lhe pedem que descansasse responde: «Vivi sempre com a pena na mão, hei-de morrer com a pena na mão». É sempre uma das mais interessantes conversadoras (essa arte tão perdida), da França.

Receitas de cozinha

Pescada com camarão: Escolher uma boa pescada, arranja-la lavando e enxugando. Tira-lhe a cabeça e corta-la às postas da grossura dum dedo. Descascar uma porção de camarões, abundante, preparar um picado de cebola, salsa e «champignons», untar de manteiga um prato de ir ao forno, salpicar a manteiga com uma parte do picado, pôr-lhe em cima, bem apertadas umas contra as outras, as postas de pescada, deitar sal e pimenta e o resto de picado, depois cobrir tudo com o camarão. Regar tudo com vinho branco misturado com uma colher de molho de tomate, pôr a cozer em lume vivo. Quando o cozinhado estiver pronto e no devido ponto o molho deve estar muito reduzido. Servir no próprio prato em que vai ao forno. Pode fazer-se com qualquer outro peixe, como linguado ou corvina, mas não dá o mesmo resultado do que a pescada, que é o peixe que melhor liga com o camarão. É um excelente prato.

Sorvete de morangos: Esmaga-se um quilo de morangos com meio quilo de açúcar e passa-se pela peneira; junta-se-lhe o sumo de um limão e de uma laranja e seis decilitros de água, ou um pouco mais, se estiver grosso. Vai à servefeira a gelar.

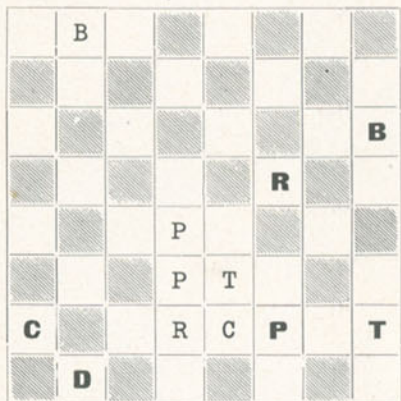


UM PROBLEMA DE XADREZ

(Problema)

Branças: 6

Pretas: 6



As brancas jogam e dão mate em 2 lances.
(por G. M. Fuchs, 1926)

BRIDGE

Espadas - 10
Copas - ---
Ouros - 10, 8, 7, 6
Paus - V. 9, 7

Espadas. - 7
Copas. 7, 6, 4
Ouros. - R,
Paus. - 8, 6, 4

N Espadas. - 9.
O Copas. - D. 10 8.
E Ouros. - D. 9, 4.
S Paus. - 10.

Espadas. ---
Copas. - R, V. 9, 3.
Ouros - A. V.
Paus - R. 5.

Trunfo é espadas. S é mão e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

S sai pelo 6 de copas, N pega com a dama e torno a jogar copas, sobre as quais S se balda a paus. E joga, novamente, copas ou ouros.

Se jogar copas, S balda-se ao 10 de espadas; N faz o 9 de copas, joga o az de ouros e, a seguir, o 7 de espadas.

Se E joga ouros, N faz o az, joga o 9 de copas e, a seguir, o 7 de espadas. Quer E cubra ou não, N fará mais duas espadas, obrigando O a baldar-se. Se O se baldar aos ouros, o 8 de S torna-se firme; se O se baldar a paus, S joga paus e N faz as restantes vasas.

CURIOSIDADES

Não há nenhuma invenção histórica da árvore do Natal anterior a 1605.

• • •

As redes tingidas de azul, para se confundirem com a água do mar, estão dando muito bom resultado na pesca.

• • •

As crianças japonesas, de seis a dez anos de idade, tem que frequentar as escolas elementares trinta e duas semanas por ano.

• • •

Está calculado que, em Espanha, por cada quinze homens um é fidalgo.

PIM DE FESTA

OS NÚMEROS ROMANOS

(Problema)

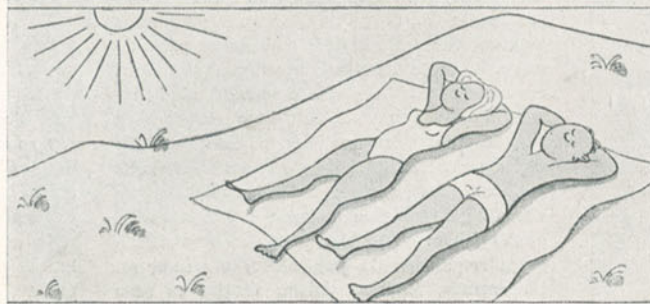
Peguem em sete fósforos e disponham-os de modo a formarem os números romanos VI e LV, conforme aqui se mostra.



Ora, mudando apenas dois dos quatro algarismos para outra posição, vejam se podem formar LX.

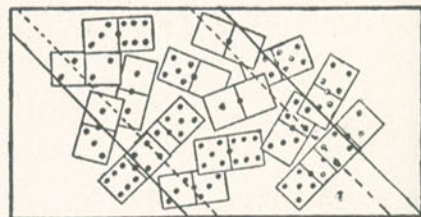
Não se deve alterar a forma de nenhum desses algarismos.

RESULTADOS DUM BANHO DE SOL



UM DOMINÓ DIABÓLICO

(Solução)



As linhas diagonais indicam como se devem fazer as duas pregas para que o número de pedras diminua de metade.

ANEDOTAS

Simples coincidência, mas que podia, na verdade, ser expressa de outra maneira:

Ele: — Espero que hoje esteja melhor. Ontem, pareceu-me não estar muito bem quando tive a honra de a visitar.

Ela: — Não estava. Tinha uma dor de cabeça fortíssima. Mas passou-me, logo que você se foi embora.

• • •

A mãe: — Zêquinha, é preciso acabar com essa maçada de estar sempre a fazer perguntas ao teu pai. Não vês que êle se aborrece com isso?

Zeca: — Não, mamã; não são as minhas perguntas que o aborrecem. O que o aborrece são as respostas, que êle me não sabe dar.

• • •

Um gracioso entra em casa de um médico, a consultá-lo. O médico interroga-o:

— De que se queixa?

— Sinto... uma grande melancolia.

— E sabe a causa dela?

— Sei, sim, senhor! A causa é... é... Eu lhe digo, doutor; a causa é precisar muito de dez escudos!...

— Se não é mais do que isso, aqui os tem; — respondeu-lhe o médico, entregando-lhos, com grande espanto do consultante, que não esperava semelhante coisa.

— MUITÍSSIMO agradecido, doutor... Já me sinto melhor; passe por cá muito bem!...

E pegando no chapéu, ia a retirar-se.

— Não, por enquanto, não; — observou-lhe o médico. Agora, ainda falta uma coisa importante...

— O que é?

— É pagar-me a consulta. São quarenta escudos.

• • •

A dona da casa, para a criada: — Dissêste áquelas senhoras, que eu não estava em casa?

— Disse, sim, minha senhora.

— E elas o que disseram?

— Disseram só isto: «Que grande felicidade!»

• • •

Fala-se da mentira:

— A mentira é o peor de todos os vícios.

— Pois sim, não digo que seja o melhor; mas, em todo o caso, até hoje é o melhor que há... quando se não quiser dizer a verdade.

A' venda a 3.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol de 308 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA
JULIO DANTAS
ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTA



DESENHOS ESCOLHIDOS
POR
MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1. vol. fol. Edição de luxo,
com 90 grandes ilustrações de
Bordallo Pinheiro, reproduzi-
das pela fotogravura, além
doutas inseridas no texto.
Impressão a preto e cores
sobre papel couché.

Cartonado 40\$00; brochado 30\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, R. Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

I vol. de 557 págs., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

A venda em todas
as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas { brochado **12\$00**
encadernado. **16\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

ANTEU

POEMA DRAMÁTICO

— POR —

JOÃO DE BARROS

1 volume brochado **8\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina

Escudos 25\$00

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGENCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NODOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos
 por

MARCEL BURDAIS

Tradução de
CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos *para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata*

1 volume de 300 páginas, brochado . . . 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

ÊXITO FORMIDÁVEL

Um livro que interessa a todos

Arte de enriquecer

Tradução de AGOSTINHO FORTES

Um livro que pode dar um modo de vida
 ou preparar a fortuna

2.^a edição, 276 págs., br. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido.—*DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA



1 volume encad. com 351 págs.
25\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. **8\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel

E

Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol. ilustrado **6\$00**



DEPOSITÁRIA

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

O MESTRE POPULAR

ou

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M.ª X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
ou à LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

„ „ „ „ carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores, desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas. — Passatempo e Enciclopédia
de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA